

VIAGEM EXTRAORDINÁRIA

O pai de Sigmund Freud recebe em julho de 1879, uma carta, originária de um notário brasileiro, por intermédio de um advogado austríaco, comunicando a existência de uma herança deixada por um distante primo seu que viveu e morreu no Brasil, ligado à avó paterna de Freud. O documento dizia que havia importantes propriedades no Brasil deixadas em testamento por Rudolph Ritzenberg para o primo Jacob, pai de Freud. Solicitava que alguém da família se fizesse representar junto à justiça brasileira para dar sequência ao inventário. As despesas seriam todas pagas pelo espólio da herança agora sendo administrada pelo representante legal de Ritzenberg. Freud instado pelos pais e passando por problemas na conclusão de seus estudos decide aceitar a incumbência

JANEIRO DE 1880

Pedro de Alcântara fechou o envelope e o deu a seu ajudante de ordens

- Entregue pessoalmente ao Chanceler Moreira de Barros

Antônio Moreira de Barros o ministro das Relações Exteriores do Império do Brasil leu a mensagem do Imperador e no dia seguinte apresentou-se no Palácio para almoçar com S. M. Imperial.

- Dr. Moreira de Barros – disse Pedro em meio à refeição passando ao ministro um envelope com as insígnias imperiais – escrevi esse programa e peço que o aprecie com espírito verdadeiramente crítico, no entanto, adianto o seu conteúdo. Como sabe, passamos por momentos muito delicados em nossa política interna e me refiro mais especificamente à produção intelectual de nossas elites. Há hoje no mundo um turbilhão de ideias em todos os campos do conhecimento e temo que não estejamos à par dessas novidades. Precisamos melhorar nossa mentalidade e introduzir o debate desses novos conhecimentos, portanto, estou inclinado a criar o que se chamará Academia Imperial de Ciências, nos moldes da Academia Francesa e Inglesa e reunir o que temos de melhor entre nossos cientistas.

Para dar início à concretização dessa ideia pretendo trazer um dos mais eminentes cientistas do mundo que, de um modo ou de outro, tem ligações com o Brasil, para um ciclo de conferências em nosso país. Está no programa o detalhamento inclusive os nomes.

Alguns dias depois Moreira de Barros chamou o funcionário Jorge Airosa em seu gabinete.

- Sr. Airosa eis um documento da maior importância que vos passo às mãos para que o estude e reflita qual a melhor maneira de levarmos avante essa idéia, que é do Imperador, ele mesmo, tanto quanto a redação de seu próprio punho. Tão logo possível me retorne com suas impressões e sugestões. O Sr. tem a partir de agora pleno acesso aos documentos e meios disponíveis dessa Chancelaria para cumprir essa tarefa, obviamente com a extrema discricão que o fato exige. Qualquer assunto relativo a essa missão reporte-se diretamente a mim.

Jorge Airosa, então com 31 anos, trabalhava no Ministério dos Negócios Estrangeiros desde os 21 por indicação do Visconde de Sinimbu. Era mestiço, nascido no Rio de Janeiro, falava várias línguas e tinha sólidos conhecimentos legais, de contabilidade e uma indiscutível erudição, motivo de admiração na Chancelaria. O caráter conciliatório e as boas maneiras sociais faziam dele um funcionário destacado.

No resto do mês que corria pôs-se a planejar a fundação da Academia Imperial de Ciências reunindo documentos e entrevistando os mais destacados homens de ciências do Império. Foi justamente durante uma dessas entrevistas que se aproximou do Visconde de Mauá. A idéia de criar tal Academia agradou o Visconde. Foram muitas horas de conversa com o velho empresário o que levou Airosa a uma crescente admiração por ele.

Alguns dias após a entrevista com o Sr. Irineu Evangelista de Souza, o Visconde de Mauá, Airosa foi novamente chamado para ter com ele. Ao chegar no local encontrou além do empresário e seus assistentes o Sr. Antônio Alvarenga tabelião e amigo do Visconde. Apresentado e saudado por todos, Airosa, demonstrando curiosidade ouviu o Dr. Alvarenga.

- Vou tomar a palavra, com a devida vênua do Dr. Irineu, para explicar ao Sr. Airosa o motivo do encontro. Fiquei sabendo, com muita satisfação, da missão do Sr. Airosa, determinada diretamente pelo imperador, e desde já posso garantir que fora deste fechado círculo nada foi nem será comentado. O próprio Sr. Irineu, ato contínuo à entrevista com nosso diplomata, depois de alguma reflexão, à qual tive a honra de participar, considerou o momento muito propício para ampliar a abrangência deste evento. Desta forma surgiu a ideia de convidar outro influente filósofo, cientista, pensador e celebridade política para também fazer um ciclo de palestras, donde veio o nome de Karl Marx. Se alguém desconhece o trabalho deste cientista o próprio Dr. Irineu poderá informar. Os presentes se entreolharam e pairou no ar certo constrangimento quanto a expor talvez a ignorância sobre tão ilustre personagem. O próprio Airosa quebrou a atmosfera de indecisão:

- Tenho conhecimento do trabalho deste senhor, mas confesso que considero o que sei muito superficial, portanto gostaria que o Visconde pudesse nos dar um panorama mais acurado sobre a obra do Sr. Marx.

O Visconde não escondeu sua satisfação em explanar o assunto, tendo discorrido longamente sobre os pontos básicos da instigante obra e biografia de Karl Marx, demonstrando mesmo sua admiração pelo filósofo alemão, e concluiu:

- Trata-se não apenas de ideias inovadoras, mas que já têm repercussão política importante. Acredito que estas novas fronteiras abertas pela obra de Marx modificarão enormemente a maneira como os negócios serão feitos no futuro, mas principalmente nas relações sociais atuais. E esta onda atingirá nosso país inexoravelmente. Mas, por favor, Alvarenga continue.

- Pois não Excelência. Isto posto concluímos que o Sr. Airosa, e aí vai nossa proposição que obviamente dependerá das considerações que o próprio Sr. Airosa poderá tomar, uma vez que irá para Londres em busca de viabilizar a vinda de Charles Darwin poderia, caso considerasse apropriado, ser também nosso porta voz do convite ao Dr. Karl Marx. Há muitos pontos que ainda devem ser esclarecidos, com certeza, mas fica o convite à sua reflexão.

Airosa foi completamente surpreendido com a proposta e imediatamente respondeu:

- Estou ao mesmo tempo lisonjeado com o convite e a confiança demonstrada na minha pessoa, mas temeroso. Preciso refletir sobre muitos pontos, mas o mais importante é obter, e isso é imprescindível, a aquiescência de meus superiores e acima de tudo de Sua Alteza Imperial.

- Absolutamente correto – interveio o Visconde – e não esperaria outra atitude. Farei pessoalmente todo esforço para que haja esta concordância, usando inclusive a

influência que ainda posso ter na corte. Apesar dos problemas que enfrento nestes últimos anos com o governo brasileiro, mantenho um respeitoso relacionamento com o Imperador. Mas quero conclamar ao nosso jovem diplomata que abrigue esta sugestão com prioridade e consideração.

- Certamente Excelência e logo farei as gestões nesse sentido mantendo-o informado.

- O Sr. Alvarenga lhe dará todos os detalhes de como procederemos principalmente quanto ao apoio material necessário. Fico feliz que o Sr. leve em consideração nossa proposta.

A reunião ainda continuou por muitos minutos e foram servidas bebidas e comidas ligeiras. Alvarenga levou Airosa, após as despedidas do Visconde, para um escritório contíguo onde desenvolveu minuciosamente o plano de trabalho, aí incluindo os generosos bônus pela tarefa. Finalmente quando tudo parecia encerrado Alvarenga fez uma outra proposta:

- Sr. Airosa, uma coincidência de fatos me conduziu a lhe propor mais uma tarefa nessa sua viagem. Ocorre que como Tabelião e testamenteiro de um certo Sr. Rudolph Ritzenberg, proprietário de uma enorme fazenda em Barra do Piraí preciso trazer ao Brasil um de seus herdeiros para dar continuidade ao inventário e executar o testamento. A pessoa a qual me refiro é um jovem médico austríaco, o Sr. Sigmund Freud, que mora atualmente em Paris. Pois justamente devido a isso e pela importância do espólio eu gostaria que o Sr. fizesse o contato com o Sr. Freud e organizasse sua viagem para o Brasil. Naturalmente todas as despesas estarão cobertas pelo espólio, inclusive a bonificação a que faz jus. Tenho em minhas mãos todo o histórico do caso que posso, se assim aquiescer, lhe entregar para que se inteire do assunto. Destarte como sei de sua fluência na língua germânica e inglesa, não poderia ter alguém mais adequado para a tarefa. Certamente que suas considerações sobre a necessidade de aprovação superior serão respeitadas, mas acredito que não haverá nenhum empecilho.

Jorge Airosa, para um mesmo dia, nunca pensara em tantas coisas lhe acontecendo, retirou-se com certa sensação de atordoamento.

Foram logo expedidas instruções ao embaixador brasileiro em Londres o Sr. Francisco Inácio de Carvalho Moreira, Barão de Penedo, explicando a missão de Airosa, inclusive os extras, determinando o integral apoio do chanceler brasileiro. Uma carta pessoal do Imperador ao Barão estava entre os documentos enviados através de Airosa.

Airosa depois de tudo assentado partiu no navio Archimedes da Lamport & Holt com destino a Liverpool aonde chegou em 20 de fevereiro de 1880.

LONDRES

Jorge Airosa durante os dias de viagem entre o Rio de Janeiro e Liverpool aproveitou o tempo para estudar os detalhes de sua missão. Leu e releu as instruções que diziam respeito a quem procurar, onde procurar e como procurar os meios para entrar em contato com o convidado do Imperador. Seu guia principal seria o embaixador brasileiro, o Barão de Penedo que tinha fama de ser uma pessoa com importantes relações na corte britânica. Leu uma pequena biografia de Darwin e inteirou-se das dificuldades que teria. O Alvarenga lhe dera alguns artigos de jornais sobre Karl Marx e o Visconde deu-lhe um livro em inglês com as teorias de Marx e sua trajetória política.

Logo ao desembarque foi abordado pelo Sr. Luís Pereira, um português assessor do Barão de Penedo que gentilmente o acompanhou durante todo o desembarço de seus papéis e bagagem e, sem delongas tomaram o trem para Londres. A conversa no caminho foi amistosa e o Sr. Luís Pereira lhe dava instruções gerais sobre a estadia de Airosa:

- O Sr. Barão faz questão de hospedá-lo em sua residência e colocou-me à sua disposição para ajudá-lo e guiá-lo onde for preciso no desempenho de seu trabalho, o que será um prazer para mim. Ele o receberá e creio que gostará de conversar sobre sua missão. Deu-me também o encargo de, se necessário for, providenciar qualquer material que auxilie a sua tarefa, isto inclui transporte, alimentação, hospedagem, roupas e tudo mais. Este é o jeito do Barão, que com certeza está muito entusiasmado com essa história.

- Ele lhe contou o que é?

- Muito por alto, tudo que sei é que o Sr. deverá encontrar-se com o Dr. Charles Darwin como porta-voz do imperador Pedro II.

- É exato, mas pelo que tive de informações até o momento não será tão fácil assim.

- Oh. Não. O Barão recebeu instruções diretas de D. Pedro e já se pôs a campo para ativar as ações necessárias. Ele é um homem de muita influência e inclusive conhece o Prof Darwin, que, como você sabe, é uma celebridade. O Sr Airosa perdoe-me a curiosidade, mas está familiarizado com as idéias de Charles Darwin?

- Li alguns de seus escritos, que são muito instigantes e durante a viagem procurei me informar melhor, mas confesso que há muitas lacunas nos meus conhecimentos para entender a obra deste homem em toda sua dimensão.

- Creio que terá esta oportunidade inclusive pessoalmente. O Dr. Darwin, a quem tive a honra de conhecer, é um homem muito reservado, mas também muito solícito.

Assim estendeu-se a conversa durante a viagem no trem inglês. Desceram em Londres, na Victoria Station e os esperava um transporte até a chancelaria que ficava na casa do embaixador apenas 300 metros da estação.

Tudo ocorreu como o Sr. Luís dissera e depois de cumpridas todas as praxes de chegada o Barão encontrou-se com Airosa na estupenda biblioteca da embaixada-residência.

O Barão de Penedo era a quintessência do diplomata daquela época: astuto, atento às variações políticas e econômicas da City, envolvente e muito ativo socialmente. Simpático desde logo pôs Airosa à vontade entabulando uma prosa coloquial recheada de histórias interessantes sobre Londres e suas peculiaridades. De certa forma preparava o terreno para abordar a missão de Jorge Airosa:

- Pois meu caro Sr. Airosa, o Imperador, no melhor de suas intenções lhe encarregou de uma espinhosa missão, posso lhe adiantar. Não que seja impossível um encontro formal com o Sr. Darwin, mas esta idéia de levá-lo ao Brasil é um tanto arrojada, que me perdoe D. Pedro de Alcântara. E não são as razões políticas que dificultam a consecução deste propósito, mas o próprio Dr. Darwin com seu temperamento afável mas reservado e sua família que preocupada com sua saúde o envolve numa rede de proteção. Pense que sendo a celebridade mundial que é os convites de toda ordem chegam diariamente e são educadamente descartados pela família de Darwin. Mas, o homem não está tutelado e quem sabe, pelo passado que o liga ao Brasil ele não se sinta interessado em rever nosso país.

- Sim, eu li tanto “A viagem do Beagle” quanto a “Origem das espécies”. O primeiro livro me chamou mais atenção pelo simples fato que me dava um perfil da história dele, o outro ainda terei de relê-lo muitas vezes para captar as importantes teses que apresenta

- Você deve ter notado no Diário de Viagem as experiências dele no Brasil, principalmente sua contundente crítica ao escravismo.

- Sim foi um dos pontos importantes que me chamou à atenção e gostaria de saber mais sobre este fato.

- Quem lhe poderia informar melhor sobre isso é o Joaquim Nabuco que tem uma relação amistosa com o Dr. Darwin, mas no momento se encontra no Brasil. Foi eleito Deputado. Este assunto da escravidão no Brasil é um dos problemas mais sensíveis,

politicamente falando, que polarizam as críticas dos britânicos a nós. É aonde tenho mais trabalho para limar as arestas. Você, como vejo, é um mestiço, e provavelmente com uma história familiar de servidão e pelo que li no seu histórico e deve ter uma opinião formada sobre o assunto.

- É um tema que no serviço diplomático eu evito discutir, pois sempre gera algum desconforto. Afinal ainda temos a escravidão e os que a apoiam. Sou neto de escravos, minha mãe foi alforriada, meu pai é comerciante e meus avós paternos portugueses. Fui educado apropriadamente, mas sempre com o cuidado de meus pais em me defenderem de assédios indesejáveis. Sou de uma família com alguns recursos, meu pai é financeiramente bem sucedido. Eu repudio o escravismo, e não poderia ser diferente, contudo tenho muitas dúvidas sobre qual a melhor maneira de combatê-lo. Vejo que a sociedade brasileira é extremamente conservadora – mesmo os liberais – e o que se costuma chamar do elemento servil, inteiramente desorganizado e mergulhado no medo, na ignorância e na superstição e, se me permite ser franco, não vejo muito empenho da família real em enfrentar o caso.

- Este é o calcanhar de Aquiles da monarquia. D. Pedro, posso lhe assegurar, é visceralmente contrário ao escravismo, mas ele não é o dono do país e mesmo que resolvesse num arroubo dismantelar a escravidão enfrentaria uma crise de consequências imprevisíveis. É uma situação muito inconstante. Acho que pressões políticas e econômicas tanto internas quanto externas têm sido eficazes, mas ainda de forma incipiente. Entretanto temos ainda mais coisa a tratar sobre sua missão. Por exemplo, as atividades extras por assim dizer.

- O Sr. Karl Marx, por certo.

- O Sr. Karl Marx, isso só poderia ser coisa do Irineu.

- Será assim tão difícil?

- Não posso afirmar, pois o meu relacionamento com o Professor Marx é superficial. Ele frequenta outros círculos sociais muito diferentes dos meus. Vejo pelo lado político, o Sr. Marx além de um reconhecido filósofo de primeira grandeza é um ativista político dos mais ferozes. Isto tem angariado para ele muitos dissabores e antipatias dos governos no continente. Ele aqui na Inglaterra aproveita-se do liberalismo existente, fruto do expansionismo britânico e mantém suas atividades em segurança, entretanto está sendo sempre vigiado. O convite do Irineu certamente pesará na resposta já que o Visconde de Mauá é figura de destaque aqui na City. Fiz minhas indagações, discretamente, sobre a situação financeira do Dr. Marx e acredito que se houver algum bônus nesse convite há grandes chances dele aceitar. Apesar do apoio que tem de inúmeros amigos, o Sr Engels principalmente, que é de uma família abastada, o Dr. Marx não possui uma renda constante que o permita manter-se sem ajuda. Ele está sempre dando conferências, publicando artigos, recebendo convites para palestras, todos remunerados, este será mais um deles.

- Confesso que li parte dos trabalhos dele e exceto pelos textos políticos os outros eu não compreendi plenamente. Há quem possa explicá-los melhor?

- Talvez o próprio Dr. Marx, mas creio que conheço algumas pessoas que têm se aprofundado nos escritos dele e poderão dar-lhe uma explicação. Eu mesmo não consigo enfrentar a sua obra, fico apenas na leitura dos artigos críticos, contra e a favor, o necessário para a minha atividade diplomática. Sugiro que converse com o Luís Pereira que, eu sei, tem participado discretamente das atividades dos círculos operários em Londres, claro, fruto de seu trabalho na embaixada e com pleno conhecimento meu. Ele é uma importante fonte de informações.

- Por fim, Sr. Barão, ainda terei de localizar um certo Dr. Freud e levá-lo comigo. Ao menos não é uma celebridade como os outros e ademais irá ao Brasil para herdar um patrimônio considerável.

- Este não será difícil, mas sugiro que você vá a Paris encontrá-lo pessoalmente e explicar-lhe a situação. É, segundo apurei, um jovem médico judeu dedicando-se à pesquisa.

- O que devo fazer primeiro?

- Sugiro a viagem a Paris enquanto preparo os encontros em Londres com vistas a apresentar os convites. Deverá ser tudo muito bem planejado, pois são duas celebridades com histórias e temperamentos distintos sendo que Darwin é inglês e um orgulho da Grã-Bretanha, já o Sr. Marx é alemão, exilado, banido de pelo menos três países, comunista e não é um orgulho da pátria. Os dois estariam indo para o Brasil para diferentes propósitos num clima tenso nas relações socio-políticas brasileiras. Os britânicos estão atentos e não quererão que o nome de Darwin seja usado como promoção política de quem quer que seja, mesmo o Imperador, principalmente num país escravista. Mas temos chances. Tão logo você volte já teremos um painel mais claro das possibilidades.

- O Sr. Barão me parece até entusiasmado.

- E como não? Se isto ocorrer será um fato de enorme repercussão mundial. Mas não sejamos demasiados otimistas. Se conseguirmos ao menos um sucesso parcial já valerá à pena.

PARIS

N

ão foi difícil localizar o Dr. Freud com a ajuda da embaixada do Brasil em

Paris. Airosa enviou-lhe uma carta de recomendação do Dr. Alvarenga e prontamente conseguiu uma entrevista com o jovem médico, na Embaixada.

Dr. Freud, muito curioso, ficou ainda mais admirado que o seu interlocutor brasileiro fosse um negro tão fluente no alemão.

Durante as conversas que duraram um par de horas, Airosa lhe entregou o convite formal do notário para que viajasse ao Brasil e recebesse sua herança. Esta era a maior curiosidade do Dr. Sigmund Freud:

- O que é exatamente esta herança, quer dizer, como se poderia descrevê-la? Sendo assim tão grande, 60.000 acres de território, o que deve ter neste local?

- O Sr. terá a oportunidade de visitar a herdade e julgar por si mesmo. A princípio não tenho como explicar-lhe o que deseja. É realmente uma área enorme, 25.000 ha com matas virgens, rios, campos cultivados, montanhas, construções e muitos escravos que são responsáveis pela produção de açúcar e café, além da criação de gado e outras coisas que poderá constatar.

- Essa situação dos escravos é o que me intriga mais. Isto quer dizer que eu estou herdando escravos? Que eles serão minhas propriedades? Como isso é admissível?

- Sr. Freud, se estiver disposto, ao longo da viagem poderei lhe falar sobre a história e as condições atuais do Brasil que não justificam o escravismo, mas explicam como se chegou a tal ponto. No momento preciso que o Sr. Dr. me diga das suas possibilidades e disponibilidades para empreender tal viagem.

- Estou realmente perplexo. Sei que é minha obrigação receber tal herança e portanto viajar até o Brasil, mas também me repugna ter de assumir a propriedade de seres humanos.

- Dr. Freud, a mim, que descendo diretamente de escravos, mais do que ninguém me constrange estas coisas, mas por outro lado é preciso enfrentar a realidade e buscar caminhos para tentar corrigir as injustiças. Os escravos no Brasil têm uma longa e admirável história de resistência e, apesar de todo condicionamento social são em si uma

sociedade com identidade cultural e econômica. Há no momento uma luta feroz pela abolição desta chaga e, lamento dizer o Sr. foi tragado por essa luta mesmo sem querer e deve agradecer ao seu tio por isso.

- O Sr. Airosa tem razão, apesar de tudo estou de fato muito curioso com o que o destino me colocou à frente. Pois então, vamos em frente, e, por favor, tente me instruir ao máximo sobre esta intrigante história.

Airosa acertou os detalhes com Freud, que asseverou estar totalmente disponível para viajar, bastando dizer-lhe quando.

DE PARIS A LONDRES



Barão de Penedo tinha algumas novidades:

- Sr. Jorge Airosa, consegui uma entrevista com o Thomas Henry Huxley, amigo de Charles Darwin e o Sr. William Spottiswoode ambos membros da Royal Society, da qual o Sr. Spottiswoode é o atual presidente. Nossa conversa com eles é para abrir o caminho até o Dr. Darwin. Quero dizer que embora o eminente cientista não dependa de ninguém para aceitar ou não este convite, havendo resistências do governo ou das sociedades científicas certamente tudo será mais difícil. Em três dias teremos a entrevista. Pedi ao Dr. Moreira de Barros, nosso Chanceler que informasse diretamente ao Dr. Spottiswoode o interesse do Imperador nessa missão.

- Nós abordaremos o convite ao Dr. Marx?

- Não creio que seja preciso, mas teremos de nos acautelar do possível falatório quando o assunto se tornar público. É preciso desvincular os dois fatos. Um trata-se do convite oficial do Imperador outro é uma iniciativa de sujeitos privados, embora influentes como o Visconde de Mauá, ainda assim privado e não oficial.

- Caso o assunto venha a público, como é provável, faremos alguma declaração aos jornais?

- Com certeza seremos abordados e eu já tomei algumas iniciativas e contatei dois eminentes periodistas, Thomas Chenery do The Times e Edward Levy-Lawson do Daily Telegraph, embora não tenha antecipado nada de concreto, fiz ver a eles que o Imperador tem a intenção de estreitar os laços científicos com a Grã-Bretanha e estuda a melhor forma de demonstrar isso o mais breve possível. Enquanto aguardamos a entrevista com os cientistas da Royal Society podemos adiantar algo com o Sr. Marx.

- Pelo visto o Barão já deve ter adiantado alguma coisa.

- Nada acontece se não correremos atrás. O meu assistente, o Luís Pereira através dos seus conhecimentos com os sindicalistas de Londres, a maioria socialistas, conseguiu uma entrevista com o próprio Marx. Será amanhã à tarde, em uma sala de reuniões da Amalgamated Society of Engineers, uma Trade Union bem conhecida e respeitada. O Sr. John Burnett, não menos do que o Secretário da Trade Union estará na reunião, pois foi a ele que apelamos. Contudo, nem eu nem o Luís Pereira iremos pois isto poderá ser motivo para intrigas. O Dr. Marx é um conhecido agitador internacional e sabe...

- Entendo perfeitamente Sr. Barão e procurarei ser o mais discreto possível. Tenho em mãos cartas do Visconde e outras que ele conseguiu com pessoas importantes no meio intelectual britânico que tratam destas questões da classe trabalhadora. Espero que funcione.

- Vamos almoçar, o Cortais, meu cozinheiro nos preparou finas iguarias.

Jorge Airosa acompanhado por um funcionário do Visconde de Mauá entrou nos

salões da Amalgamated Society of Engineers e foi recebido pelo próprio John Burnett, o secretário geral. Imediatamente dirigiram-se ao gabinete dele onde aguardariam a chegada do Prof. Marx. Não demorou muito Karl Marx em pessoa adentrou à sala. Ele era praticamente da mesma estatura de Airosa, algo em torno de 1,75 m e tinha uma compleição larga e uma voz de barítono. Cumprimentou a todos efusivamente demonstrando um temperamento sociável. Airosa ficou positivamente impressionado. Após as apresentações e explicações iniciais foi dada a palavra a Airosa que expôs o mais direta e sucintamente possível a natureza do convite. Ao mencionar o Visconde de Mauá constatou que todos o conheciam e tinham boas referências dele, inclusive o Sr. Marx. Evitou falar na bonificação, mas ao final pode falar privadamente com o filósofo ali mesmo no gabinete do Sr. Burnett. O Sr. Marx pontuou:

- Devo confessar que estou muito impressionado com o seu conhecimento da língua alemã, ademais levando em conta de onde veio e sendo um mestiço. Conte-me um pouco da sua história.

- Com certeza lhe contarei. Já me acostumei com a surpresa que causo em alguns lugares. No entanto preciso ter uma resposta sua ao convite pois caso afirmativo, como espero, terei de providenciar os trâmites da viagem. Ademais há alguns aspectos importantes a esclarecer. Primeiro, estou autorizado pelo Visconde a lhe propor uma bonificação pela sua viagem e palestras, conforme o Sr. pode ler nesta carta pessoal que o Visconde lhe envia.

Neste momento a atenção de Marx voltou-se totalmente para o que a Airosa falava. Demonstrou satisfação com a proposta de bonificação e as condições da viagem. Airosa mentalmente considerou que ele já aceitara o convite e assim acrescentou mais detalhes:

- Há outra coisa que devo lhe dizer. Talvez, ainda não é certo, que o Sr. tenha como companheiro de viagem o Dr. Charles Darwin, que está sendo convidado pelo imperador D. Pedro II.

- Charles Darwin, ele mesmo?

- Sim.

- Seria fantástico, mas parece até anedota. Charles Darwin! Duvido que arrede pé de sua propriedade, além do que toda sociedade londrina seria contrária. – Marx riu abertamente – e ainda por cima viajando na mesma época que eu! Impagável. O seu Imperador é deveras um homem ousado.

- D. Pedro, posso garantir, é uma pessoa muito culta e honesta.

- Não duvido, até mesmo tenho boas referências dele em que pese apoiar uma oligarquia escravista. Mas convenhamos que se a ideia é boa, a possibilidade de sucesso muito pequena. Adoraria isto, valeria a viagem. Que situação! Bem, espero que você e seu Imperador consigam tal façanha, por mim já aceitei o convite e estou à sua disposição para acertarmos as datas e tudo mais.

- Peço apenas Professor que guarde tudo em segredo até que eu possa confirmar a ida do Dr. Darwin. Certamente que terei de contar a ele o convite ao senhor, e não é certo que viagem no mesmo navio e exatamente na mesma época, além disso haverá outro passageiro convidado, o Dr. Sigmund Freud, que irá receber uma herança de um parente no Brasil. Ele é austríaco.

- Certamente que uma informação desta tem de ser mantida em segredo, ademais se der certo eu quero ser o primeiro a ver a cara dos lordes britânicos. Nem posso imaginar o que dirão.

Novamente riu muito da situação, como se tivessem lhe contado uma excelente piada, no que Airosa considerou que realmente era motivo de risos, os quais ele passou a compartilhar com Karl Marx. Ali mesmo no gabinete do Sr. Burnett, quando este e outros voltaram foram servidos acepipes regados a bons vinhos e algumas bebidas mais fortes. Airosa percebeu que Marx era chegado a uns copos.

ROYAL SOCIETY



Sr, Carvalho Moreira, Barão de Penedo e Jorge Airosa foram conduzidos

à sala do Presidente da Royal Society. O Barão o conhecia socialmente, mas apurara que era uma pessoa afável e muito reservada. Thomas Huxley, que na ocasião era o secretário da Sociedade, tinha um temperamento muito efusivo e bem humorado. Foi desde sempre um fiel e empedernido defensor de Darwin e sua teoria. Era alcunhado como o “buldog de Darwin”. Os quatro entabularam uma animada conversação devida principalmente à verve do Sr. Huxley e à espontaneidade do Barão, que conhecia o Sr. Huxley inclusive por ele ter frequentado a embaixada:

Diga-me Sr. Barão – perguntou Huxley – como está o Nabuco?

Ele se referia a Joaquim Nabuco com quem mantivera frutuosa amizade quando o brasileiro trabalhara na embaixada.

- Nabuco agora é um deputado na corte. Continua em sua luta abolicionista e pela educação do povo. Um visionário mais do que oportuno.

- Recebi, já tem algum tempo, correspondência dele, dando conta de suas lutas, sucessos e desenganos. Admiro muito o que ele faz.

A conversa prolongou-se por muitos meandros dos fatos passados e presentes até que o Sr. Spottiswoode, que vinha apreciando o colóquio sugeriu que se tratassem do assunto substantivo daquela reunião.

Airosa fez seu relato sucinto e preciso do assunto.

Houve um silêncio momentâneo entre eles que fez com que Airosa, lembrando a entrevista com Marx, antes que houvesse qualquer embaraço dos presentes acrescentou:

- Pode parecer um tanto ousado que o Imperador faça tal convite que, aqui em Londres, pode ser até mesmo visto como uma anedota, mas se melhor entendido, significa uma veemente afirmação de respeito à ciência britânica e a um de seus maiores expoentes.

O clima quase constrangedor que pairou após a revelação do teor do convite se dissipou na explanação adicional de Airosa. Huxley riu de forma exuberante e falou:

- Você está certíssimo Sr. Airosa. Realmente se levamos ao público este convite isto será tratado de forma jocosa e sarcástica, não tenho dúvidas. Por mais que respeite o vosso imperador devo considerar que ele não é visto de uma forma positiva perante a sociedade inglesa, devido obviamente ao seu apoio ao escravismo.

- E ainda mais – completou Airosa – tendo como emissário um negro neto de escravos.

Todos riram da tirada do diplomata e coube ao Barão dar continuidade ao encontro:

- Vejo isso de uma forma diferente. Digamos que o Imperador, ciente das azedas críticas inglesas ao escravismo no império, decide fundar uma academia de ciências

convidando o mais polêmico cientista da atualidade e através exatamente de um emissário negro. Acho que nem o Nabuco teria feito melhor.

Houve uma concordância geral com as palavras do Barão e Huxley acrescentou:

- Acho que é uma visão realmente interessante e se por acaso tivermos de divulgar o fato esta seria a razão a ser apresentada. Isto talvez evitasse que o caso fosse considerado uma anedota e o revestiria de um ato político da maior relevância. Sim, certo. Concordam?

Todos concordaram e o Sr. Spottiswoode falou:

- Passada a estranheza da proposta e nossa perplexidade, é preciso que o Sr. Darwin a receba e responda.

- Pois tenho uma sugestão. – falou Huxley – Marcamos uma visita ao Prof. Darwin, em sua residência e eu irei com vocês até ele. Explicaremos tudo, inclusive à sua família, e acreditem que será a parte mais difícil de convencer. Pessoalmente não sou favorável que ele empreenda uma viagem tão longa, devido à sua saúde, mas fora isto, creio que ele ficará entusiasmado. Se o conheço bem. De qualquer modo este convite, como assinalou o Barão, é um reconhecimento da obra de Darwin. Devemos, no entanto, manter a maior discrição possível.

Acertados os pontos mais gerais, houve um congoçamento, à semelhança da reunião com Marx, com comidas e bebidas. Airosa pode perceber que Huxley também era chegado a uns copos.

CHARLES DARWIN.

E

ntusiasmados, Airosa e o Barão deram início aos preparativos da visita a

Darwin.

Foram providenciados alojamentos para Airosa e o Barão de Penedo numa mansão em Orpington, a cinco quilômetros da residência do naturalista. Thomas Huxley confirmou que ficaria hospedado na casa de Darwin.

Eles partiram de trem, da Charing Cross Station rumo a Orpington distante 30 quilômetros de Londres. Levariam uma hora de viagem. Toda a manhã daquele dia foi dedicada ao deslocamento e instalação dos viajantes na mansão alugada pela embaixada.

À tarde se encontraram com Huxley que chegara no dia anterior. Eles sentaram-se na sala de estar da mansão onde foi servido o tradicional chá da tarde. Huxley tomou a palavra:

- O Dr. Darwin já foi informado da chegada de vocês e os aguarda amanhã pela manhã, por volta das dez horas. Ele ficou muito curioso com o convite também honrado pela lembrança do Imperador. Creio que teremos uma boa conversa amanhã.

- Mas ele mostrou alguma concordância com a viagem? – Perguntou Airosa.

- Ora, meu jovem – respondeu Huxley, ligeiramente irônico – isso somente o próprio Darwin poderá lhe responder. Você terá muito tempo para convencê-lo e à sua família, mas para todos nós o fato dele receber-nos já é motivo de alegria, vá ou não ele para o Brasil.

- Sem dúvida. Conhecer o Dr. Darwin para mim já é um sucesso, mas realmente gostaria de vê-lo rever o Brasil, quero dizer, presenciar esta ocasião.

- Caso ele recuse o convite poderíamos pensar em alguém que pudesse ir em seu lugar e o representasse à altura. Disse o Barão

- Mas quem? – indagou Airosa? Ademais teríamos de consultar o Imperador.

- O Sr. Huxley aqui presente, quem melhor do que o verdadeiro amigo de Darwin e tão importante cientista quanto ele. O Imperador, que creio que conhece o Sr, Huxley, ao menos pela fama, certamente não recusaria, estou certo disso.

Huxley que ouvia tudo com um grande ar de espanto respondeu:

- Fico muito lisonjeado pela sua lembrança e simpática referência à minha pessoa, mas Charles Darwin é insubstituível. Claro que eu não recusaria um convite do Imperador, mas esta é uma ideia quase despropositada, quero dizer, que fosse eu a substituir Darwin, mas realmente pode se aventar esta hipótese.

- Ora, Sr. Huxley, não há despropósito algum, exceto se for por impedimento pessoal insuperável por algum motivo. E se eu perguntar a Darwin se concordaria com a ideia creio que ele a aplaudiria.

- Deixemos isto para amanhã, - ponderou Airosa - o que eu preciso mais agora é esclarecer alguns pontos da teoria da evolução e creio que o Dr Huxley poderia me ajudar.

- Com todo prazer, se eu for capaz.

Desta forma a reunião estendeu-se por mais um par de horas com um entusiasmado Huxley respondendo as dúvidas tanto de Airosa quanto do Barão. Chá, brandy, sanduíches de pepino e muffins por fim encerraram o convívio.

O Barão mais tarde, durante o jantar revelou a Airosa:

- Esta ideia de ter um nome alternativo ao de Darwin me parece muito boa. O que você acha Airosa?

- Logo que o ouvi dizer isso pensei que fosse alguma jocosidade, mas depois pensando bem achei uma ideia boa. Só não estou seguro se o Imperador concordaria pois ele quer alguém com a densidade moral e profissional do Dr. Darwin

- Huxley, embora menos conhecido teve um papel fundamental na divulgação da obra de Darwin, além de ser um respeitado cientista.

- Podemos levar os dois.

- Nesse ritmo vamos ter de contratar uma esquadra para levar a todos.

Riram, brindaram e se recolheram aos seus aposentos.



Darwin, sua esposa Emma Wedgwood e alguns filhos receberam e saudaram a todos naquela manhã defronte a entrada principal de sua bela mansão.

O Barão, sua esposa D. Carlota Emília de Aguiar e Andrada e Jorge Airosa foram apresentados a Darwin por Thomas Huxley e sua esposa Henrietta Heathorn. Depois das saudações foram conduzidos ao interior da casa. Foram servidos refrescos e bolinhos e após a troca de impressões genéricas sobre a viagem e a mansão, a dona da casa Sr^a Emma convidou as mulheres a visitarem a propriedade. Isto fez com que os homens se reunissem numa sala contígua onde se iniciou a conversa sobre a viagem.

O Barão tomou a palavra e fez um não muito extenso circunlóquio cheio de elogios e exaltações ao espírito científico do Imperador e à obra de Darwin culminando com a decisão imperial de criar a Academia Imperial de ciências:

- E quem mais poderia representar a pujança do progresso das ideias, na opinião de D. Pedro, senão o Dr. Darwin e sua revolucionária teoria da evolução das espécies? Pois eis então que lhe ocorreu convidá-lo prezado Dr. a participar desse importantíssimo evento no hemisfério sul, sobretudo porque parte de seu trabalho foi desenvolvido no Brasil. Entrego-lhe agora a carta escrita pelo próprio punho de D. Pedro na qual o convida a visitar nosso país, totalmente por nossa conta, e explica o porque desta escolha. Sei que o Sr. já conhece pessoalmente o nosso Imperador, desde uma viagem de Sua Alteza à Inglaterra e que já trocaram correspondências anteriormente portanto me escuso de delongar mais o convite. O Sr. Jorge Airosa é o contato que nos enviou o Imperador e é

responsável pela organização da viagem, caso o Sr. aceite e ela aconteça, como é o nosso desejo.

Airosa aproveitou a menção ao seu nome e tomou a palavra:

- Dr. Darwin, nada tenho a acrescentar ao que o Barão falou, mas sei que esta certamente não é uma decisão que se possa tomar de imediato, por isso não tenho prazo para aguardar sua resposta e desde já lhe asseverar que D. Pedro nos ordenou que não poupássemos esforços em viabilizar sua ida.

Houve murmúrios entre os presentes, mas nenhuma surpresa, até mesmo por Darwin, pois o assunto já fora levado a ele por Thomas Huxley. Darwin então falou:

- Fico extremamente honrado com este convite, principalmente partindo de D. Pedro a quem já tive o prazer de conhecer. É sem dúvida um homem cultíssimo e de grande inteligência. Ademais, minha passagem pelo Brasil realmente me marcou profundamente, não só pela importância das pesquisas que fiz e as conclusões que tirei, como pelas características de seu povo em tudo diferente dos europeus e que enfrentavam então muitas adversidades sociais e políticas de forma corajosa e com muita criatividade. É um povo alegre apesar de tudo. Vejo agora, e não posso deixar de assinalar o fato, que o Imperador enviou como emissário da coroa alguém que representa sem dúvida a inexorável mistura racial daquele país o que me deixa uma favorável impressão da evolução dos costumes que deve estar ocorrendo no seu país. Se este convite viesse a alguns anos antes, não titubearia em aceitá-lo, mas devo pensar em outras realidades atuais. Minha saúde já não é tão boa quanto antes, e ela nunca foi excelente, além da preocupação que traria para minha esposa e meus filhos. Devo consultá-los em primeiro lugar.

Huxley interveio:

- Prezado amigo, estou inteiramente de acordo com o que disse e se me fosse feito este convite iria aceitá-lo de pronto pois conheço o ímpeto da curiosidade que abraça um naturalista mas também há esta consideração das condições de vida pois o tempo cobra seu preço. Não posso me antecipar ao que a família opinará, mas apesar de antever alguns senões, eles conhecem bem seu patriarca que desbravou esta selva de teorias enganosas a partir de sua corajosa vivência no campo, enfrentando muitas vezes dificuldades quase insuperáveis.. Eu bem posso testemunhar, e Darwin sabe disso.

Darwin concordou com um meneio de cabeça e um murmúrio.

A conversa estendeu-se com relatos das viagens tanto de Darwin quanto de Huxley. Airosa aproveitou a oportunidade e perguntou aos dois lentes tudo que lhe ocorrera de dúvidas da leitura dos livros de Darwin. Percebeu que a lacuna de seu conhecimento era muito maior do que julgara e prometeu a si mesmo que se Darwin aceitasse a viagem ele não perderia a oportunidade de se aperfeiçoar no assunto. Darwin inquiriu Airosa sobre as condições sociais no Brasil, principalmente no que se referia à escravidão. Os convivas entabularam uma calorosa conversa sobre estes temas e outros que se estendeu até ao retorno das senhoras.

Foram interrompidas as conversa e o Barão de Penedo comunicou a todos:

- Senhores, por especial deferência da Sra. Emma que me permitiu a ousadia de dispor de das dependências da mansão estou convidando-os para logo mais um jantar aqui mesmo, a cargo do nosso famoso Courtais, que com sua equipe nos dará a satisfação, sem dúvida, de um inolvidável repasto.

Todos se retiraram para um breve descanso antes do jantar que seria servido às 20:00 h.

No dia seguinte, Huxley, o Barão e suas respectivas esposas, após se despedirem dos anfitriões partiram para Londres. Airosa ficou por deferência a um convite de Darwin que se encantara com ele. Passaram o resto do dia conversando junto com a família sobre os mais variados temas e Darwin, seu filho Francis e Airosa particularmente sobre a

origem das espécies e as experiências que Darwin desenvolvia em sua propriedade. O elo de simpatia que indiscutivelmente se estabeleceu entre o cientista e Airosa que se estendia à família foi um dos fatores mais importantes para a decisão do cientista em aceitar a viagem. O fato é que Airosa ao perceber a hesitação da família em concordar com o que parecia uma ideia estapafúrdia, e que era o maior medo deles, a saúde do cientista, sugeriu de forma o mais natural possível:

- O Dr. Francis poderia viajar junto ao pai. Ele é um cientista, médico e teria todo apoio necessário.

Airosa intuiu que Francis era o mais próximo a Darwin no que se referia às atividades científicas e, sendo um botânico certamente teria interesse em visitar o país tropical que tanto impressionara o pai. Pelo sim, pelo não, eles decidiram que Darwin iria na companhia de seu filho Francis.

Tudo somado, Airosa retornou a Londres para providenciar a viagem. Os preparativos levaram uma semana para serem concluídos.

Em meados de maio de 1880 o navio Hermes zarpa de Liverpool com destino ao Rio de Janeiro tendo a bordo Jorge Airosa, Charles Darwin, seu filho Francis Darwin, Karl Marx e Sigmund Freud além de outros 40 passageiros.

O capitão do navio era o uruguaio Longino Guasque que sabedor das celebridades que tinha a bordo desdobrava-se para atender os ilustres passageiros. O navio era um vapor combinado com velas auxiliares. Não era um navio de luxo, mas fora preparado nesta viagem para oferecer o maior conforto possível e por conta das determinações do Barão tinha uma enfermaria totalmente equipada. A cozinha fora também reforçada e o Cortais instruiu pessoalmente a equipe de cozinheiros. Pouco antes da partida Airosa combinou com o Capitão Guasque que usaria sua cabine para fazer o encontro de Darwin e Marx.

Assim, partiram para o Brasil.

CONVERSAS NA VIAGEM

No camarote do Capitão Guasque, o próprio, Airosa e Marx aguardam a chegada de Charles Darwin e seu filho Francis.

Guiados pelo imediato Darwin entrou no camarote. Parou por um instante e exclamou:

- Karl Marx, como vai você?

- Charles Darwin, como vai você?

A seguir cumprimentaram-se amistosamente e Marx falou:

- Nos meus mais fantásticos sonhos jamais pensei em estar numa viagem destas com Charles Darwin, e tudo graças a um Imperador e um capitalista. Como o destino é irônico.

- Fico contente em tê-lo como companheiro de viagem. Teremos tempo para conversar sobre muitas coisas.

- Com certeza, caro Darwin, com certeza.

Neste momento o Capitão Guasque intervém:

-Mais contente ainda fico eu em tê-los à bordo. Por isso temos de levantar um brinde a esta extraordinária viagem.

Em seguida convidou os presentes à sala contígua onde havia comidas e bebidas. Foram muito brindados pela tripulação do Hermes. Airosa constatou então que Marx era mesmo chegado a uns tragos.

Nos dias seguintes as conversas entre eles foram se tornando mais espontâneas e os assuntos que de início eram sobre trivialidades foram se adensando. Airosa ouvia absorto qualquer exposição das ideias das duas sumidades. O mesmo parecia fazer Freud.

Numa dessas ocasiões, no chá da tarde, onde até chá era servido, Freud arriscou levantar uma questão delicada:

- Tenho conhecimento que alguns pensadores tentam, traçar um paralelo entre as duas teorias, a econômica do Prof. Marx. e a Naturalista do Dr. Darwin. Será que isso é possível?

Marx e Darwin fizeram menção de que a primeira resposta fosse do outro, mas foi Darwin quem se antecipou:

- Meus conhecimentos de economia política são muito superficiais e que por isso não poderei fazer comentários aprofundados. Apenas direi que são matérias tão diversas que as tornam praticamente incomparáveis. Os fenômenos naturais desenvolveram-se durante milhares e talvez milhões de anos e os eventos econômicos são contemporâneos. O Prof. Marx talvez possa esclarecer melhor.

- Se nosso caro Dr. Darwin tem conhecimentos limitados sobre economia política, os meus sobre o naturalismo são tão ou mais escassos. Apenas opino que no geral as teorias da seleção natural abriram uma janela para desvendar nosso passado como espécie trazendo uma nova visão desta história. Sem comparar, minha visão sobre a economia também trás uma abordagem nova para entendermos as relações econômicas entre as classes sociais sem as ideologias perniciosas das elites dominantes, inculcadas sub-repticiamente pela burguesia e apoiadas cinicamente pela igreja. Não é por acaso que as teorias do Dr. Darwin e as minhas sejam duramente criticadas pelas religiões e pela burguesia dominante. Ela liberta o homem do jugo dos dogmas de que o direito, logo a vida comum, é divinamente determinado em favor dos príncipes, reis e os que detêm a riqueza. Todos os homens são iguais desde a criação que foi ocorrendo ao longo das eras. Quer queiramos ou não a Teoria da Evolução das Espécies matou as religiões no seu âmago e é sem dúvida revolucionária. Por outro lado, não em consequência, mas paralelamente, o que descrevo sobre o capital desmistifica a santidade da burguesia e a inexorabilidade da servidão. O homem é livre para escolher o seu caminho.

- Pergunto isso – falou Freud – exatamente porque percebo este liame entre as duas teorias e, ao que parece, diz mais respeito à filosofia do que à ciência.

- Exato – acrescentou Darwin – e esta tem sido a crítica mais contundente à teoria da origem das espécies. Não no terreno da ciência e dos fatos apurados, mas sobre as concepções religiosas da criação, o que me espanta, pois em momento algum fiz qualquer consideração a respeito.

- Não se trata do que você diz diretamente, pois também no Capital não trato da religião em momento algum, mas o que representam essas ideias. É certo que em outros escritos tenho feito críticas acerbas sobre a religião e as igrejas mas o que é duramente criticado e combatido são as consequências práticas disso, que no caso da economia é a crescente organização do proletariado na defesa dos seus interesses. E isso não tem diretamente nada a ver com a fé. Acredito que você pode se organizar ferozmente em defesa de seus interesses e continuar a crer em qualquer coisa, embora seja preferível que não.

- A evolução das espécies – Interrompeu Darwin – é algo que se verifica materialmente portanto inexorável, não tem sentido negá-la. Ela continuará a ocorrer independentemente de nossa vontade ou por uma explicação sobrenatural. Cedo ou tarde

essa verdade natural terá de ser aceita. Não digo que o que descrevi seja a verdade final, certamente outras evidências a modificarão e até mesmo ela poderá ser abandonada, mas na se pode congelar a ciência e a pesquisa por dogmas intolerantes.



Os debates continuaram naquele dia e em outros, transformando a viagem numa permanente conferência. Outros passageiros juntaram-se ao grupo e as opiniões eram tanto de apoio quanto de censura, entretanto, o clima sempre foi de admiração pela erudição dos dois célebres cientistas.

Numa conversa à parte Freud indagou a Marx:

- Talvez o Sr. tenha ouvido falar em Theodor Gomperz?

- Sim, o filósofo austríaco.

- Ele me encomendou a tradução para o alemão de alguns ensaios de John Stuart Mill.

- Ah! Stuart Mill. Foi um intelectual muito importante.

- Contudo, ao ler a sua obra Prof. Marx, percebi que havia pontos discordantes com as ideias de Mill.

- Sim muitos. Para começar, Mill era um visionário utópico. Ele propunha um modelo onde o progresso material do capitalismo poderia ser apropriado pelo proletariado de forma consensual com a burguesia, o que é muito pouco provável no meu entender. Ele achava que o bem estar social das pessoas é o objetivo que deveria guiar as relações entre as classes. Inclusive propunha que o poder deveria ficar a cargo de uma elite iluminada. Nada mais ingênuo, para dizer o mínimo.

- Talvez porque, como escreveu, temesse que as massas não educadas não estivessem preparadas para exercer o poder e que por conta disso acabassem num governo tirânico.

- Ora, isso é um absurdo, embora concorde que a alienação política e cultural das massas operárias seja um fator limitante de sua prática política. E mesmo a democracia representativa que se propõe, não somente Mill mas outros, é uma vergonha, uma falácia porque esta representação não condiz com a sociedade dividida por imensas desigualdades econômicas e de acesso ao poder.

- Então, qual a forma mais adequada para garantir uma representação democrática e equitativa?

- Creio que ainda está por ser criada. A revolução em Paris em 1871, a Comuna de Paris, pode ser a semente destas novas estruturas. As medidas de supressão do exército permanente e da polícia, elementos da força material do antigo governo, de todas as despesas de representação, dos privilégios pecuniários dos funcionários, redução de "todos" os ordenados administrativos ao nível do "salário operário", os magistrados e os juizes que deviam ser eleitos, o clero afastado das decisões, poderia ter sido verdadeiramente a passagem da democracia dos opressores para a democracia dos oprimidos, com o esmagamento dos opressores pelas forças combinadas da maioria do povo, dos operários e dos camponeses. Mas, por muitos motivos não triunfou.

- Também isto não pode ser considerado como uma aventura imatura?

- Pouco antes Mill endossou um documento publicado pela Primeira Internacional, escrito por mim no qual exortei os operários franceses e alemães a se confraternizarem ao invés de lutarem a guerra deflagrada entre a França e a Prússia. Não foi uma aventura muito menos imatura. Foi uma revolução.

- Mas ambos concordam com a igualdade dos direitos entre homens e mulheres, a equitativa distribuição da riqueza nacional, e da participação das classes trabalhadoras na

política e na economia. Assim como será possível elevar a classe trabalhadora a um nível de consciência e cultura que os tornassem aptos a governar da maneira que propõem?

- Este será o maior desafio do futuro, pois com certeza não se chegará a nenhum bom resultado pela ignorância.



As conversas em grupo e em particular tornaram-se a principal atividade da maioria dos passageiros que se reuniam sempre que podiam ao redor dos dois sábios para ouvir-lhes suas histórias e pregações. Ambos pareciam estar gostando do movimento e, na medida de cada um atendiam a estes colóquios.

Darwin numa das noites estreladas em alto mar pôs-se a contar algumas de suas recordações da viagem que fizera há cinquenta anos.

Numa fazenda presenciou o proprietário negociando a venda de escravos, seus filhos e mulheres que sempre viveram na propriedade, o que levou aquelas famílias a uma enorme angústia. Por sorte e por razões pecuniárias o negócio não foi feito:

- O proprietário da fazenda nem sequer se deu conta da brutalidade daquele ato infame.

Alternando tais memórias tristes com relatos exaltando a beleza dos cenários e a exuberância da natureza, onde descrevia por vezes como identificava os espécimes recolhidos ele encantava os passageiros principalmente quando detalhou como pela observação da variação morfológica dos animais chegou às conclusões de sua teoria. Mas sempre voltava ao tema da escravidão e do incômodo que lhe trazia:

- Cruzávamos um rio, conduzidos por um negro, que tinha dificuldade em me entender, assim, tentei comunicar-me com ele por mímica e outros sinais. Num desses movimentos, minhas mãos passaram próximo ao rosto do homem, levando-o a acreditar que eu estava irritado por alguma razão e iria golpeá-lo. O negro abaixou imediatamente as mãos, semicerrou os olhos e dirigiu-me um olhar de medo. Senti grande desconforto e vergonha por pensar que o pobre homem me via como um algoz e que eu seria capaz de tal violência. O quanto sofrera aquela alma para tornar-se tão passivo diante de uma possível agressão?

Marx aproveitava e discorria sobre os movimentos sociais da Europa e de suas ideias socialistas. Isto encorajou o Capitão Guasque a contar a epopeia de seu avô espanhol que lutou na Revolução Farroupilha ao lado de Garibaldi:

Aliás, - completou – ele participou de quase todas as guerras no Uruguai e na Argentina desde que fugiu da Espanha por ter se juntado à oposição liberal e por isso condenado à morte.

Outros passageiros também se dispuseram a contar passagens de suas vidas transformando a viagem em um diário coletivo.

O Capitão Guasque era um bom violoncelista ao qual se juntou Jorge Airoso que dominava bem o violino. Um dos passageiros, hábil pianista, depois de afinar o piano de bordo formou com os dois um trio que por vezes distraía a todos.

A viagem sem atropelos e muito agradável terminou no Rio de Janeiro após 18 dias da partida de Liverpool.

N

o dia seguinte à chegada, pois ainda ficaram algumas horas no navio, desembarcaram e lhes aguardava o Sr. Antônio Alvarenga, notário, inventariante de Rudolph Ritzemberg, e um oficial do gabinete do Imperador.

Airosa em conversa com o oficial fica sabendo que o Imperador concordara que o Visconde de Mauá hospedasse Charles Darwin e seu filho, assim todos ficariam juntos na mansão do Visconde em Petrópolis. Haveria também uma casa no bairro do Catete que eles poderiam usar nos deslocamentos à cidade do Rio de Janeiro e para aonde se dirigiam no momento. Darwin foi relembando sua primeira viagem à cidade quando ficara hospedado em Botafogo:

- Como tudo mudou e também está o mesmo. - exclamou no caminho.

Instalaram-se e na manhã seguinte o Visconde veio encontrá-los. Saudou-os e encarregou Alvarenga de servir-lhes no que fosse preciso. Alvarenga comunicou que subiriam a serra para Petrópolis no dia seguinte pela manhã.

Já em Petrópolis começaram a planejar as atividades que viriam.

Desde a chegada do grupo em meados de junho que eles aguardam os desdobramentos do convite. Levaria mais de um mês para que Darwin fosse recebido pelo imperador e a conferência de Marx igualmente demandaria tanto tempo quanto.

O inventário demoraria pelo menos três meses para ser concluído, na melhor das hipóteses.

Por conta desta a demora resolveram conhecer a fazenda de Freud.

Ao chegarem à fazenda, foram recepcionados pelo capataz, Sr. Zigfried, um mestiço de olhos claros, um dos filhos do falecido Ritzemberg com uma ex-escrava que vivia na propriedade.

CONVERSAS NA FAZENDA

Q

uase dois meses se passaram e os convidados hospedados na fazenda pareciam muito felizes. O grupo que se entrosara muito bem na viagem foi ficando mais à vontade uns com os outros a cada dia e continuou a imensa troca de conhecimentos. Airosa por ordem do próprio imperador, e do Visconde acompanhava-os todo o tempo.

Numa ocasião aproximaram-se de um grupo de cerca de 20 escravos que descansavam debaixo de um imenso jequitibá. Zig apresentou-os ao grupo:

- São pessoas muito importantes. O Dr. Darwin foi convidado pelo imperador ele mesmo. O Dr. Freud é o novo proprietário da Fazenda e o Dr. Marx é um político que luta pelos mais fracos.

- São parentes seus? – Perguntou Freud a Zig.

- Talvez seus também – Ajuntou Marx.

Darwin sorriu e murmurou:

- Que insólita situação, não Dr. Freud?

Zig respondeu:

- Alguns são primos e há irmãos também, mas não estão aqui.

- Todos ainda são escravos? – Outra vez Freud.

- Sim, praticamente todos. Meus irmãos serão alforriados tão logo seja possível.

Todos ficaram visivelmente mobilizados com essa informação. Freud continuou:

- Como vocês lidam com essa confusão? Além do que isto desestrutura totalmente a família.

Zig olhou-o com um ar entre o sério e o irônico e respondeu:

- Família? Que família? Eu posso me considerar um privilegiado, pois tive um pai que me reconhecia, de uma forma um tanto severa é verdade, e uma mãe com a qual ainda convivo. Tenho irmãos que conheço e posso até fazer planos para o futuro, mas o que frequentemente se constata não é nada disso. Vários destes escravos aqui sequer conheceram os pais e viveram em diferentes senzalas ao longo da vida, na maioria das vezes em péssimas condições sofrendo todo tipo de abusos.

- Isso deve ter repercussões muito preocupantes no espírito deles!

- É uma situação quase inconcebível. – Disse Darwin.

- Ultrajante! – Somou Marx.

- Ainda assim eles procuram de toda forma sentirem-se úteis e felizes. Mas tudo de uma maneira imediata, sem planos, sem expectativas, porque a qualquer momento podem ser vendidos, punidos ou mortos. Os filhos não são deles mas do senhor proprietário, assim como as mulheres, pais, mães, tudo o mais. E acreditem a regra não são os bons sentimentos dos patrões.

- Os religiosos não os apoiam e confortam de alguma forma? - Perguntou Darwin, não deixando de perceber o esgar de incredulidade de Marx.

Esses encontros repetiram-se quase diariamente e obrigavam Zig e Airosa a se desdobrarem nas traduções. Freud era o que mais perguntava diretamente aos escravos sobre a vida deles e também o que mais os ouvia. Marx conversava mais com Zig e seu assunto predileto era como eles se organizavam para sobreviver. Darwin era bastante comunicativo e de pronto escolheu dois escravos jovens para acompanhá-lo e a seu filho Francis em suas caminhadas pela fazenda. Alguns escravos sabiam certas sentenças em alemão fruto da convivência com o Sr, Rudolph e Zig. o que de certa forma ajudou Marx e Freud a se comunicarem com eles.

O conjunto de escravos da Fazenda dos Macacos era atualmente:

8 mulheres com idades entre 16 e 30 anos.

10 crianças com idades entre 1 e 10 anos

22 homens adultos com idades entre 20 e 37 anos.

Era um grupo bastante cordato e a história de punições severas, poucas. O motivo, segundo Zig, respondendo a Marx estava no fato de que quase todos tinham laços familiares o que ajudava a superar os problemas. Zig, que se tornou capataz não castigava os escravos e isto fez o seu pai Rudolph ser menos rigoroso. Havia também o fato importante que Rudolph tinha a escrava Libinha como sua mulher numa situação peculiar. Durante o período e vida de Rudolph o conjunto foi diminuindo e as aquisições de novos escravos cessaram. No entanto, os nascimentos se multiplicaram e em duas décadas o número de escravos voltou a aumentar. Rudolph vendeu poucos escravos e todos sabiam onde eles estavam. Mesmo que situação fosse mais amena para os escravos da Fazenda dos macacos, a condição de vida deles era penosa.

- Fome, nunca passaram – afirmou Zig – mas não havia descanso e as senzalas eram muito precárias. Não havia educação e ninguém para cuidar da saúde. As roupas eram grosseiras e poucas. Ninguém tinha sapatos exceto alguns poucos que lidavam com os animais.

Havia um padre itinerante no município, mas Rudolph não o queria por perto. As crianças não eram batizadas e não havia cerimônias religiosas a não ser na semana santa. Rudolph embora sendo judeu também não praticava a religião.

Finalmente no final de setembro ficou acertada a palestra de Marx mais precisamente em 30 de setembro de 1880 uma quinta-feira à tarde.

O grupo decidiu hospedar-se na casa do Visconde em Petrópolis.

A entrevista de Darwin com o Imperador foi confirmada para 20 de outubro de 1880 uma terça-feira, no palácio Imperial de Petrópolis.

Airosa fez chegar aos convidados a ponderação de que o Imperador não receberia Marx, devido a razões políticas mas enviou-lhe uma carta pessoal.

Darwin insistiu que ao menos Freud o acompanhasse junto com seu filho Francis Darwin, no que o cerimonial concordou. O Imperador estendeu o convite ao Visconde e ao próprio Airosa.

MARX NO CLUBE COMERCIAL

A plateia do Clube Comercial era constituída de empresários, comerciantes, intelectuais, jornalistas e ativistas políticos além de alguns militares. Havia um grupo de partidários conservadores atraídos pela curiosidade.

O Visconde de Mauá embora financiador das palestras preferiu não se apresentar à platéia.

Airosa, como anfitrião no Clube Comercial apresenta o palestrante Marx. Assinala a presença de Darwin e do jovem médico Freud.

Darwin fez uma pequena preleção antes de Marx:

- *My dear fellows. It's indeed very surprising to me this reencounter in Brazil. I've been here some forty years ago and this country gave me a very strong impression. Not only for its wild and luxurious nature that helped me so much to develop my ideas about evolution but also the inextricable social relationships I have witnessed. So, some of these impressions I wrote in my diary. At the time, I have not understood how it was still possible to have such an disgusting and repulsive system where men were treated as beasts. During all these years sometimes I thought about it and kept asking me if these things have already changed. Till now, in the twilight of my existence, I seek for an explanation that could perhaps redeem our guilty about all this unfair situation. I, myself, considers that submit by any means, a human soul to the state of slavery it is a hideous and almost unforgiveable sin. There is not in whole nature such a cruelty and even if we found something alike should it be behaviour of irrational beings. Fortunetly, I could share some fruitful days in the company of Prof. Marx during our trip to Rio. His theories though polemic to some are very keen and clear about this subject. Let him explain by himself his so original ideas. Thank you.*

Airosa após um breve relato da biografia de Marx e da pertinência de sua apresentação passa a palavra ao Professor. Marx tinha uma voz potente de barítono e fez a sua preleção em inglês, entremeadada de expressões em alemão. Falou pausadamente permitindo que as traduções fossem feitas por Airosa que tinha uma voz de tenor o que fazia um dueto singular. O salão permanecia em silêncio, atento às explicações de Marx. Ele repassou alguns pontos principais de sua teoria sobre o valor, trabalho e fixou-se na explanação sobre o conceito de mais valia e acumulação do capital. Levou praticamente uma hora nesta parte e, nos seguintes trinta minutos fez veementes ataques à crueldade da exploração capitalista, à insensibilidade da burguesia e à alienação dos proletários. Enfatizou a necessidade de mobilização política e, quando parecia que findava mais uma de suas conferências, seguindo um rumo previsível, fez uma pausa e falou:

- *But what I witnessed here in Brazil is something totally unexpected. A terrible surprise. I feel like being transported to a distant time in the past, secluded from civilization, trapped in*

some miserable place where the most abject and malefic tyranny rules society. Slavery as never seen in history. The classes struggle in its core. What should I say to you? I thought that things like these even if they still existed were exceptions. But, no, for my dismay I realized that the sugar we consume in Europe, the coffee we drink, the cotton we wear, the leather of our shoes, the wool of our coats all come from the blood tinted work of a ignominious servitude. It's outrageous, degrading, unacceptable. What to say but paraphrasing the manifesto of 1848: Let the monarchy tremble. The slaves of Brazil have nothing to lose but their chains. Freemen of Brazil, unite!

O auditório irrompeu em aplausos.

Do lado de fora do clube aglomerou-se um grupo que iniciou uma gritaria de protesto e irromperam no salão. Os presentes reagiram à intimidação e uma luta corporal se iniciou. O tumulto foi se espalhando, retornou à rua e começou o quebra-quebra. Cadeiras voavam, vidraças eram espatifadas, usavam-se pedaços de madeira como armas. O conflito foi se agravando e em alguns minutos a polícia apareceu aumentando a confusão. Marx, Darwin, Airosa e o Visconde, protegidos pelos operários foram retirados do ambiente e logo eles estavam a caminho de casa.

Este foi o assunto daquele final de dia e nos dias subsequentes.

- Qual foi a repercussão? – perguntaram Marx e os outros.

- Quase nada foi publicado nos jornais – respondeu Airosa – e a polícia nem investigando está. O Alvarenga e eu achamos que devemos manter a máxima discricção até conhecermos melhor o que gerou o protesto e quem o comandou.

- Mas foi um ato criminoso – aparteou Marx com a concordância de todos.

- Certamente, mas só agiremos depois de sabermos de quem foi a responsabilidade e para isso diversos comandos da polícia já foram acionados. Estamos também reforçando nossa segurança.

- Então – completou Darwin - devemos voltar à fazenda que me parece o lugar mais seguro no momento.

- Eu ia sugerir exatamente isso, - rebateu Airosa – Lá temos total controle da situação. O que acham?

Todos concordaram mesmo porque era um lugar muito confortável e que todos gostaram.

RETORNO À FAZENDA

O grupo retorna à fazenda. Freud repassava mentalmente os últimos acontecimentos e refletia sobre o inusitado da situação. De temperamento naturalmente reservado sentia-se um tanto desconfortável pois considerava ser por sua causa o incômodo daquela viagem. Afinal era um problema só seu. Marx, no entanto parecia deleitar-se com os fatos e Darwin embora preocupado não escondia a curiosidade sobre os desdobramentos da situação. Todos perceberam o constrangimento de Freud e foi no entanto Airosa que puxou o assunto.

-Creio que o Dr. Freud está um tanto preocupado, pois não?

Freud olhou os circunstantes franzindo os sobrolhos e como todos apresentavam expressões amistosas decidiu repassar suas preocupações:

- Creio que devo desculpar-me com vocês pela situação desconfortável que estão passando.

Diante dos protestos tentou explicar-se melhor:

- Quero me referir a esta viagem num momento tão delicado. Isto é depois de todos esses acontecimentos no Clube Comercial e a repercussão do discurso do Prof. Marx. Aliás devo dizer que fiquei muito mobilizado por suas enfáticas palavras.

Marx fez um gesto de agradecimento enquanto sorria. Darwin balançou a cabeça afirmativamente assim como Airosa.

O trem sacudia o vagão dando uma movimentação quase coreográfica ao grupo. Ademais o som das rodas nos trilhos reforçava a atmosfera de expectativa quanto ao futuro. Para onde estariam indo? Parecia que pairava no ar a indagação. Dr. Freud continuou:

- Durante a palestra ocorreu-me uma sensação muito peculiar. Era como se eu estivesse presente em algo tão estranho e inusitado e que de fato não me dizia respeito. Vi com clareza o quão esdrúxula era esta minha situação. Quando o Prof. Marx e o Dr. Darwin pronunciaram-se com veemência sobre a trágica situação social deste povo ocorreu-me que eu fazia parte, mesmo involuntariamente, dos algozes apontados. Afinal, eu sou um proprietário de escravos. E mais, tenho de decidir sobre o destino destas pessoas. Mas como? Nunca em minha vida jamais me ocorreu que pudesse passar por semelhante constrangimento. Uma coisa é reconhecer uma injustiça e postar-se contra ela outra é participar ativamente desta coisa ignominiosa. O que devo fazer? É um dilema excruciante. Pois, mesmo que eu decida libertar todos os escravos ainda assim estarei reconhecendo que sou dono deles, o que é inaceitável. Por outro lado não posso alhear-me do problema o que seria muito pior. E mesmo que decida arcar com este ônus de assumir o papel de dono dos escravos, se os liberto, os ponho no opróbrio.

- Como assim? Perguntou Darwin.

- Sei que caso a fazenda perca seus escravos seu valor decairá tremendamente. Ademais considerando esta depreciação não haverá como obter empréstimos para fomentar a produção. Em resumo estarei condenando todos à falência. Que situação!

- Eis uma das dádivas do capital. – Exclamou Marx. – Estes pobres homens não valem pelo que são, seres humanos, mas pelo que podem dar de lucro.

- Deve haver uma solução. Complementou Darwin.

Airosa interveio:

- Temos conversado longamente com o notário nestes dias, eu e Dr. Freud. Realmente é quase uma via sem saída. O mercado do açúcar e do café, principais produtos da fazenda exigem mão de obra e investimento. Há uma crise instalada decorrente à diminuição das exportações e, fazendas de São Paulo estão se modernizando instalando moendas mecânicas a vapor e usando mão de obra não escrava de imigrantes. É verdade que as condições de vida deles não diferem muito das senzalas. Teme-se que se não for possível salvar a Fazenda dos Macacos seus herdeiros tenham de vendê-la por baixíssimo preço e, eis o verdadeiro dilema, vender os escravos para salvar algum patrimônio.

- Isto está fora de questão – bradou Freud.

- Sem dúvida, mas as leis brasileiras são extremamente falhas e injustas no trato com o que se chama de elemento servil. De fato eles não têm direito a nada, inclusive só podem ser proprietários se devidamente alforriados e com alguma renda comprovada.

- Quanta injustiça. - Exclamou Darwin fazendo um semblante contrariado.

Marx pensativo no entanto falou:

- Sr. Airosa pode nos esclarecer mais detalhes sobre esta tão surpreendente legislação? Pelo que entendi a solução quase irreconhecível e que salvaria a fazenda enquanto negócio seria se um herdeiro proprietário pudesse usar tanto a terra quanto a mão de obra como garantia de produção junto ao capital financeiro, e, claro reza para que o mercado comprasse seus produtos.

- Certamente. - Disse Airosa.

- Então, só para fins de raciocínio, seria possível que após obter o financiamento o proprietário arrendasse o empreendimento para terceiros de forma a repassar o risco e viver deste aluguel?

- Sem dúvida, muitos proprietários atualmente fazem isto. – Respondeu Airosa
- Ainda, apenas como hipótese, - continuou Marx – poderia esta produção ser antecipadamente vendida para um mercador internacional com deságio?

- Claro - comentou Airosa. - Isto ocorre regularmente.

- Então, pode haver uma solução para este impasse! - Exclamou Marx.

Todos se mostravam curiosos e de alguma forma excitados com o que o Professor diria. Seria algo realmente resolutivo e original ou alguma idéia bonita mas inexequível. Darwin falou primeiro:

- Professor Marx, por um momento me pareceu que acompanhava seu raciocínio mas agora estou na dúvida. Deixe-me explicar. Pelo que entendi, e acho que todos nós mais ou menos pensamos o mesmo. O Dr. Freud assumiria a fazenda como legítimo proprietário, e isto incluindo os escravos. Em seguida solicitaria um financiamento para manter a produção dando como garantias tanto as terras quanto os escravos.

- Correto Dr. Darwin.

- Então ele arrendaria a fazenda para um terceiro, e este venderia a produção antecipadamente.

- Certo.

- Mas nesse caso o arrendatário teria de fazer com que os escravos trabalhassem para que ele obtivesse lucros, ou seja exatamente o que o Dr. Freud não quer.

- Não necessariamente.

Diante das expressões de dúvida e espanto Marx adiantou-se

- Deixe-me explicar então.

- Sem dúvida. - falou Freud denotando certa ansiedade entre a curiosidade e a descrença.

- Com certeza todo este processo de arrendamento, que é corriqueiro, é a alma do modo produtivo capitalista e mais especificamente no escravismo. São obviamente os escravos e seu trabalho que garantem as rendas negociadas e no fim eles não levam nada das transações. Mas, se fossem eles mesmos os investidores estariam afinal trabalhando para si próprios.

- Isto parece lógico – respondeu Airosa – Mas ocorre que os escravos não podem ser proprietários e portanto não teriam condições de negociar com independência. Eles nem mesmo são considerados pessoas.

- Mas o Dr, Freud e seu primo Zlg, que é alforriado, podem firmar um contrato de repartição dos ganhos com os escravos avalizado por investidores estrangeiros que os reconheceriam como parceiros comerciais. Ou estarei errado no que digo? Diga-me lá Sr. Airosa seria isso possível?

- Deixe-me pensar porque esta é uma proposta realmente intrigante. Isto quer dizer que o Dr. Freud e seu primo Zig seriam os proprietários da Fazenda. Para isto não há problema pois o testamento do Sr. Ritzenberg já estabelece os dois como herdeiros de suas propriedades. Eles levantariam capital para manter a produção... Bem, fora as dificuldades normais do mercado não há nada ilegal... Mas quem seria o arrendatário?

- O primo Zig – Falou Freud – se estou entendendo a proposta.

- Mas é claro – exclamou Marx. – O Dr. Freud arrenda a sua parte do empreendimento para o primo.

- Neste caso a venda antecipada seria para quem? – perguntou Darwin.

- Esta talvez seja a parte mais delicada e insegura do plano. Teria de ser um comprador regular dos produtos da fazenda. Algum grupo mercantil para quem Ritzenberg vendia constantemente. O atrativo neste caso é usar o deságio como chamariz do capital. Como o lucro é a mais valia do trabalho dos escravos ele retornará aos trabalhadores e não mais será apropriado pelo patrão. Estarão todos cooperando entre si.

- Não sei dos detalhes das operações comerciais de Ritzenberg mas o contador da fazenda que estará nos esperando poderá nos dizer. A ideia é interessante. – Completou Airosa.

Todos por um momento ficaram pensativos. Marx olhava nervosamente para os semblantes esperando algum sinal decorrente daquelas reflexões. Então Freud falou:

- Não custa nada tentar. Precisamos considerar com mais cuidado todos esses aspectos.

Marx sorriu discretamente mais ou menos da mesma forma que Darwin. Freud retribuiu o sorriso um tanto mais tímido, mas foi Airosa quem falou:

- Se estamos então de acordo em considerar esta proposta a primeira coisa a fazer é conversar com Zig, porque se ele não concordar, o plano todo vai por água abaixo.

- Bem pensado – Completou Freud – mas terá de ser uma conversa longa e ampliada pois teremos que contar com a presença do contador e do notário.

- Será a primeira coisa que faremos.

A viagem ainda decorreu por algumas horas e os assuntos variavam de acordo com a paisagem. Já anoitecia quando chegaram a Barra do Piraí. Zig aguardava-os com a charrete. Ele era uma pessoa naturalmente comedida e de poucas falas embora polido, e não pôde deixar de notar a forma efusiva com que todos o saudaram, até mesmo o Dr. Darwin que, de todos, era sempre o mais discreto.

Airosa, durante a ida para a fazenda embora sem lhe dizer exatamente do que se tratava, corroborou a impressão primeira. Havia novidades a caminho.



Cedo, no dia seguinte, após um revigorante café da manhã cheio de aromas e sabores, ainda aproveitando a temperatura amena das primeiras horas reuniram-se no salão principal da casa grande. Zig, o contador e o tabelião incluíram-se ao grupo e, Airosa descreveu o problema e a idéia de Marx.

Não houve uma discussão imediata da questão visto que os três novos circunstantes, além do seletor grupo de intelectuais estrangeiros mais o Airoso, comentavam os acontecimentos decorrentes da palestra de Marx.

- Causou a mais forte comoção – disse o contador Aristides que recém recebera telegramas da Capital.

- Não há dúvida que terá repercussões enormes – ajuntou o Tabelião Alvarenga.

- Espero que isso não prejudique nossas negociações – Acrescentou Airosa, percebendo imediatamente que isso poderia ser descortês com os convidados e rapidamente corrigiu:

– Mas foi muito bem feito!

- Deixei um dos nossos empregados de sobreaviso para nos informar de cada desdobramento da situação, inclusive ele está em contato com importantes figuras do Império que são nossos fiéis clientes. E também o Visconde que nos comunicou sua preocupação com o fato tendo mandado essa carta aos presentes e que, conforme foi lido, tece muitos elogios ao Prof. Marx e agradecimentos ao Dr. Darwin como também se solidariza com todos. Ele está à disposição para qualquer eventualidade.

- Então não foi em vão a palestra – falou Marx.

- De jeito nenhum. Embora eu tenha saído logo depois dos eventos posso afirmar que houve grandes discussões noite adentro em vários setores tanto de trabalhadores quanto da aristocracia e do governo. Há inclusive rumores que o Cardeal solicitou uma audiência com o Imperador para tratar do assunto. Os jornais no entanto pouco noticiaram a palestra, segundo pude entender dos telegramas. Apenas o Patrocínio da Gazeta de Notícias deu destaque a fala do Prof. Marx.

- O jovem negro jornalista? Perguntou Marx.

- Esse mesmo, Professor. O senhor tem um entusiasmado admirador neste combativo abolicionista.

Darwin interveio:

- Estou a espera de um colóquio com o imperador e penso que estes fatos irão influir de alguma forma nesse encontro. Mas não pensem que estou de algum modo constrangido com o que aconteceu. Faria outra vez, mas tenho de considerar a realidade.

Airosa acrescentou:

- Solicitei ao Gabinete do Ministro dos Negócios Estrangeiros, antes de irmos, que me mantenha informado sobre as ocorrências. Haverá logo algum comunicado. Enquanto isso devemos nos concentrar na solução apresentada pelo Prof. Marx.

- O inventário está prestes a ser concluído – disse Aristides – sugiro portanto que eu, o Sr. Alvarenga, Zig e o Sr. Airosa redijamos uma minuta do contrato que servirá de ponto de partida para as decisões tão logo o processo sucessório esteja completo.. Concordam?

Todos foram a favor da iniciativa e imediatamente puseram-se a trabalhar. Zig preferiu ciceronear o primo Freud e os convidados em um passeio pela fazenda.



Durante o passeio pela propriedade, passando por riachos, cachoeiras campinas e lagoas, em meio às plantações de cana de açúcar, café e mandioca, pelas trilhas sombreadas por imensas árvores, ouvindo todos os tipos de ruídos vindos da mata o ambiente transformou-se numa jornada idílica de tranquilidade. Ao longe se ouviu um coro de trabalhadores escravos que labutavam nas plantações. Eles entoavam canções ora tristes ora alegres. Zig dirigiu-se para o grupo formado por uma dezena e meia de pessoas, homens mulheres e crianças que à visão dos visitantes vieram saudá-los. Todos cumprimentaram os estrangeiros fazendo uma algazarra, principalmente as crianças.

- Eles sabem que vocês estão aqui para resolver a situação da fazenda e acreditam que irão manter-nos todos juntos. E sabem também que é preciso continuar trabalhando pois sem vendermos o que produzimos não teremos futuro.

Zig traduziu aproximadamente o que dissera e dividia-se em atenções ao vozerio dos escravos e às indagações dos convidados.

Voltaram à casa grande e nos dias que se seguiram houve muita festa e cantoria.



Airosa retornando à Capital foi ter com o Visconde de Mauá como previamente combinado. Discutiram os acontecimentos recentes e o Visconde foi informado das decisões sobre a Fazenda dos Macacos.

Surpreendentemente o Visconde se propôs a comprar antecipadamente a produção da fazenda através de uma de suas novas empresas que atuava na área agropecuária, a Companhia Pastoril e Agrícola

Ficou acertado inclusive que tal produção seria segurada o que diminuía o lucro da fazenda mas garantia o retorno do capital.

Airosa apressou-se em comunicar a decisão ao grupo que ouviu incrédulo a leitura do telegrama com a proposta. Já na fazenda uma reunião com Freud, Zig, o contador, o notário e Airosa ocorreu logo depois e o acordo foi redigido, relido e aprovado. Foi levado à capital e junto aos representantes de Visconde, firmado e registrado no cartório. No contrato havia uma cláusula de alforriamento dos escravos da fazenda como condição para a antecipação da venda. Todos retornaram a Barra do Piraí.

Marx, Airosa, Freud e Zig e ainda com a participação de Darwin explicaram aos trabalhadores da fazenda os detalhes do acordo firmado. Esta tarefa levou várias semanas.

Durante o mês de outubro inúmeros ativistas políticos foram discretamente a Pirai para conversarem com Marx e para surpresa deles, Darwin e Freud participaram de quase todos os encontros. José do Patrocínio foi o único jornalista a vir à fazenda e Joaquim Nabuco foi o único político a aparecer. Numa dessas visitas, por sugestão de Marx, Nabuco e Patrocínio decidem fundar a Sociedade Brasileira contra a Escravidão.

Tomam conhecimento, por intermédio deles, da forte oposição dos monarquistas e escravistas a Marx e para surpresa de todos da rejeição da igreja a Darwin. Além da vigorosa censura aos jornais.

Marx, convidado por políticos ativistas e operários se deslocou várias vezes ao Rio de Janeiro e participou de inúmeros encontros com a classe trabalhadora, jornalistas e intelectuais anti-escavistas.

Na primeira semana de novembro saiu a sentença do inventário da fazenda dos macacos que teve a mão do Visconde de Mauá para que andasse rápido.

Outra boa notícia fora que o Imperador receberia Darwin em 30 de novembro de 1880, uma terça-feira



O Imperador recebeu o arcebispo do Rio de Janeiro D. Pedro Maria de Lacerda que fez ver a Sua Alteza a contrariedade da Igreja com o convite feito a Charles Darwin:

- Vossa Alteza certamente entenderá a justa preocupação dos católicos com a difusão das ideias deste senhor Darwin.

- Entendo a estranheza que tais ideias possam estar trazendo, mas, é assim que a ciência avança, independentemente de nossas crenças. Não creio que a teoria evolucionista do Dr. Darwin, em tudo revolucionária, possa trazer qualquer risco à fé católica e aos mandamentos fundamentais da Igreja. É apenas uma questão de tempo e reflexão para que estes conceitos sejam aceitos, ou rejeitados se as provas não forem conclusivas. Apenas não podemos desconsiderar uma teoria bem formulada apenas pelas nossas convicções. O mundo está mudando muito rapidamente, vossa eminência, e temos de nos adaptar a ele. Veja o telégrafo, as máquinas a vapor, fotografia, a eletricidade e muito mais, logo estaremos usando um equipamento surpreendente, o telefone.

D. Pedro pôs-se a discorrer sobre os avanços da ciência e da tecnologia e talvez não tenha percebido a inquietude do Arcebispo em dar fim àquela conversa. Numa pausa para tomarem um chá o Arcebispo voltou à carga:

- Alteza, admiro sua erudição e entusiasmo pelas realizações científicas, mas as ideias do Dr. Darwin não trazem nenhuma melhoria na vida dos cristãos, mas desassossego, pois contestam a sacralidade da criação, duvidam da palavra divina revelada na bíblia e nos põe ao nível da animalidade. Como posso explicar aos meus fiéis paroquianos que eles na passam de macacos falantes? É abominável. E não estou falando somente como religioso porque há inúmeros cientistas de renome que repudiam esta teoria, mesmo na Inglaterra. Não fará nenhum bem ao regime imperial patrocinar este cientista pois mesmo nós da santa igreja católica teremos de repudiar tal atitude. Convenhamos que nesta atual conjuntura política isto não é desejável.

- Vossa eminência decerto não está ameaçando a monarquia promovendo tal diatribe.

- Mas nunca, Alteza. Apenas transmito em cores fortes o sentimento que apurei entre os meus paroquianos. Talvez haja uma forma de contornar este problema. Um

adiamento, uma nova escolha para a inauguração da iniciativa imperial, enfim alguma coisa que apazigue os espíritos dos cristãos fiéis ao Imperador.

Pedro de Alcântara ficou pensativo. Levantou-se e percorreu lentamente a sala de um lado a outro. Não era de seu feitio permitir ser chantageado daquela forma, como acreditava que o Arcebispo fazia, mas ponderou de si para si, que era inútil blasfemar contra a escuridão. Os preladados brasileiros a exemplo dos outros países jamais iria admitir a teoria da evolução. Suspirou e pensou se auto consolando, “É triste mas é a realidade. Não posso dar início a mais uma crise por este motivo”.

Voltou-se para o Arcebispo e falou:

- Eminência, suas palavras me tocaram fundo e terei de pensar numa solução, portanto pode transmitir aos seus paroquianos aborrecidos que não terão motivo para se inquietarem. Podemos encerrar nossa conversa. Agradeço a sua sinceridade e tenha um bom dia.

Imediatamente chamou o “aide de camps” para conduzir o Arcebispo para fora do Palácio.

O Arcebispo não gostou do encontro e anteviu problemas.

O Imperador gostou menos ainda daquele encontro e anteviu problemas.

Pedro de Alcântara deixou passar dois dias desde a conversa com o Arcebispo, remoendo o assunto, por fim chamou novamente seu secretário e entregou-lhe duas cartas:

- Leve esta carta imediatamente ao Sr. Darwin e esta outra ao Dr. Pereira da Silva, o mais rápido possível.

O secretário percebeu que o Imperador estava contrariado.



O Imperador recebe no palácio imperial de Petrópolis, Darwin, seu filho Francis, Freud, Airosa e o ministro Pereira da Silva na manhã de 30 de novembro, terça-feira.

O encontro de D. Pedro II e Charles Darwin foi caracterizado pela cordialidade e bom humor. Ficaram por horas conversando sobre os mais variados assuntos desde a história do Brasil até os mais recentes eventos científicos e sociais.

Darwin expôs seus anseios pela libertação dos escravos no que D. Pedro respondeu:

- Dr. Darwin, creia, eu mais do que ninguém gostaria de ver esta questão resolvida e o país tornar-se o lar da paz e igualdade de seus habitantes, mas como a realidade mostra, sozinho não tenho condições de impor esta ordem. Temo que se eu fizê-lo, à revelia das forças políticas prevalentes, a coroa será derrubada e as consequências serão imprevisíveis. Não desejo jamais iniciar uma guerra fratricida. Deve-se trilhar um caminho mais pacífico para se atingir tal objetivo, o qual incessantemente muitos buscam, eu inclusive. Aliás, não é só a intolerância dos poderosos e ricos fazendeiros escravistas a se enfrentar. Também o obscurantismo religioso e a incultura. É uma batalha tremenda. Veja que o simples fato de tê-lo convidado para abrir a criação da Academia Imperial de Ciências fez com que o Arcebispo da capital Pedro Maria de Lacerda me solicitasse uma audiência para ameaçar a coroa caso eu insistisse no evento. Meditei muito sobre isso e resolvi que adiarei o anúncio da fundação da Academia e, ao invés, promoverei aqui mesmo no Palácio Imperial um encontro seu, se o Dr. Darwin concordar obviamente, com eminentes cientistas e intelectuais brasileiros, Creio que assim a ideia da academia terá mais apoio e evitará que se aproveitem da situação para usá-la politicamente em favor de posições mais retrógradas. Gostaria de contar com sua compreensão e aceitação do convite.

Darwin respondeu de imediato:

- Compreendo perfeitamente seu dilema, Majestade. Agora mesmo o Dr. Freud, aqui presente, que é um jovem médico austríaco, recebeu de herança uma fazenda com 40 escravos em Barra do Piraí e passa por uma constrangedora situação onde precisa aceitar a herança e se tornar dono de quarenta almas às quais pode dispor como se fossem gado. Se recusar a herança porá estes seres na mais abjeta miséria. Uma verdadeira abominação. Aceito honrosamente seu convite e estou à disposição de Vossa Majestade para quando quiser promover este colóquio.

- Agradeço profundamente sua compreensão caro Dr. Darwin e farei esta sessão acontecer o mais brevemente possível. E fico constrangido com a situação do Dr. Freud.

O imperador convidou o ilustre cientista, seu filho Francis, Dr. Freud, Jorge Airoso e o Dr. Pereira da Silva, ministro das Relações exteriores para o almoço. Durante o ágape D. Pedro ficou sabendo que Sigmund Freud era discípulo do Dr. Jean-Martin Charcot, famoso médico francês com o qual D. Pedro se consultava. No final do repasto entregou uma carta pessoal endereçada ao Dr. Charcot e encarregou Freud de entregá-la pessoalmente. Não mencionou, entretanto, ao Dr. Freud que nesta carta elogiava efusivamente o jovem médico.

Em separado, comentou com Jorge Airoso a presença de Marx na cidade. Airoso explicou resumidamente porque Marx viera o que provocou o comentário de D. Pedro:

- Só podia mesmo ser ideia do Irineu. Gostaria muito de conversar com o Prof. Marx, mas dada as circunstâncias é melhor como está. Dê a ele meus cumprimentos.



A convite do Imperador, dias depois em 6 de dezembro de 1880 - segunda-feira, nos salões do Palácio Imperial em Petrópolis, Darwin tem um encontro com importantes figuras da ciência brasileira, Luís Cruls, Louis Couty, Guilherme Capanema, André Rebouças, Cruz e Sousa, Rui Barbosa e outros. Entre os ouvintes estava o próprio Imperador D. Pedro II. Este fez as apresentações dos convivas e em breves palavras comentou a respeito daquela reunião:

-Meus prezados convidados, creio que todos já foram informados dos fatos que me fizeram convidá-los para ouvir o Dr. Darwin. A ideia de fundar a Academia Imperial de Ciências continua viva, mas foi preciso mudar a estratégia para almejar este objetivo. Ao convidá-los estou, egoisticamente, envolvendo-os nas polêmicas atuais referentes à difusão do pensamento científico na nossa sociedade. Devemos combater a superstição que é a matéria prima de muita injustiça social, e nada mais oportuno do que trazer o Dr. Darwin para nos explicar sua instigante e revolucionária teoria sobre a evolução das espécies, ele mais do que ninguém que obteve muitas evidências ao percorrer parte do Brasil em sua memorável viagem descrita em seu livro “Diários e anotações da viagem do Beagle”. Dr. Darwin, por favor, tenha a palavra.

- Obrigado majestade, é uma honra retornar ao Brasil depois de quase meio século...

Darwin fez um breve relato das diferenças que percebeu ao retornar depois de todos estes anos, enfatizando a presença dos cientistas, e fez uma descrição sucinta de como a teoria da evolução das espécies que completou 20 anos de sua publicação, também “evoluiu”. Após, houve uma sessão de perguntas e respostas ao cientista, que não se furtou em respondê-las, mesmo as que punham em dúvida a sua comprovação. Ao final disse:

- A única verdade que podemos inferir é que precisamos cada vez mais conhecer a nossa história enquanto espécie para não sermos envolvidos na superstição e suas consequentes desventuras. Neste último sentido incluo as deploráveis relações de

servidão correntes no mundo e particularmente no Brasil, algo que me espantou desde que primeiro pisei nesta terra e que espero venham logo a ser superadas. Obrigado.

O auditório respondeu com retumbantes aplausos. O Imperador cumprimentou o velho cientista e agraciou-o com uma comenda imperial. Convidou a todos para um almoço no palácio. Entre os presentes à palestra, mas que não ficou para o almoço, estava um enviado do Arcebispo.

O Arcebispo, ao saber deste encontro pelo seu emissário, fez uma carta ao Imperador criticando-o severamente, Também mandou distribuir pelas paróquias uma crítica às ideias darwinistas e uma censura à atitude do Imperador.

MARX É DETIDO PELA POLÍCIA

Durante a estada na Fazenda dos Macacos após sua tumultuada conferência no Clube Comercial em 30 de setembro de 1880, uma quinta-feira, Karl Marx, mais adaptado ao quente clima tropical, pois até tiveram de arrumar novas vestimentas mais frescas para o filósofo e se acostumando aos banhos de rio quase diários, além da apreciada aguardente feita na própria fazenda, “um néctar”, dizia, exibia um evidente bom humor, acrescido do fato que vinha ganhando razoável numerário pelas consultas e conferências que dava. Durante outubro e novembro fez diversas viagens à capital, ora para reuniões com líderes sindicais e operários, com ativistas abolicionistas, intelectuais e jornalistas ora para reuniões menos públicas com empresários rurais e fabris, neste caso patrocinadas pelo Visconde de Mauá, com quem consolidou verdadeira amizade e admiração.

Marx ia se inteirando da realidade brasileira e suas palavras foram ficando cada vez mais específicas sobre a conjuntura nacional. Apresentava muitos exemplos, não mais da Europa, mas da própria atividade social e econômica local. Sua convivência em uma fazenda produtiva e que contava com o trabalho escravo e suas visitas às fábricas na cidade foram moldando o conteúdo de suas palestras. Em uma delas, com membros da burguesia nacional e até alguns da aristocracia, Marx abordou o que considerava a questão principal do país, e em meio à palestra asseverou:

- A escravidão aqui é o principal problema que atravanca o progresso. Não será possível avançar materialmente sem uma indústria importante e constituída por operários livres. Não é compatível a operação de um modo capitalista fabril ou agrícola com mão de obra escrava. Por este fato antevejo uma dura crise entre os setores economicamente dependentes da escravidão, principalmente na produção rural e os investidores capitalistas nas fábricas das cidades e mesmo no campo. Vejam o exemplo do que ocorreu na América, com a guerra civil. há vinte anos atrás, foi uma luta terrível entre os donos de escravos e o capital industrial. Embora outros fatores possam ter influído, inclusive os de âmbito moral e ético, indiscutíveis, foi principalmente a ameaça dos estados escravistas em tornarem-se hegemônicos política e territorialmente e modificarem a Constituição americana para uma doutrina escravista. De fato a guerra civil americana foi, de certo modo, a continuação da revolução pela independência de 1776. Houve o engajamento da população negra na luta pela liberdade, culminada na Proclamação de Emancipação do presidente Lincoln E isto interessava a todos os trabalhadores, negros ou brancos, conforme se verificou inclusive com o apoio incondicional do operariado britânico que repudiou a tentativa dos capitalistas da indústria têxtil britânica em apoiarem os escravistas do sul rebelado, que lhes garantia o algodão necessário para suas fábricas. Os trabalhadores na Inglaterra mesmo tendo sofrido o desemprego decorrente da diminuição da atividade fabril por conta do embargo às

importações de algodão, mantiveram seu apoio. O aniquilamento da escravidão se deu sem compensação aos proprietários dos ex-escravos, pela garantia constitucional da cidadania e o direito de votar e ocupar funções públicas, assim estabelecendo a disputa direta entre a classe trabalhadora e o capitalismo.

A plateia ouvia pasmada tais palavras que, para cada um ali poderia ser interpretada de forma diferente, mas nunca desconsideradas ou entendidas levemente. Por fim Marx concluiu:

- Não vejo futuro no escravismo aqui e creio que há uma oportunidade de eliminar tal chaga de forma mais pacífica possível, diferentemente do que aconteceu na América onde mais de 500.000 vidas foram ceifadas numa guerra fratricida e horrenda. Eventualmente os escravistas podem obter alguma vantagem política, mas estão fadados a verem a escravidão ser varrida da nação.

Marx foi efusivamente saudado por alguns, mas um considerável número de ouvintes, que inclusive haviam participado de outras palestras, estava indignado que semelhante agitador circulasse livremente na capital. E foi assim que junto com alguns políticos importantes foram apresentar uma queixa formal às autoridades policiais da capital. O assunto tomou vulto nos gabinetes políticos, mas não houve repercussão nos jornais que receberam orientações para não divulgarem as palestras ou as ideias do alemão subversivo. Apenas alguns periódicos deram destaque ao assunto como foi o caso da coluna de José do Patrocínio na Gazeta de Notícias. Era 30 de novembro de 1880, uma terça-feira.

No dia nove de dezembro de 1880, uma quinta-feira, ao final da manhã quando deixava o local onde se reunira com lideranças abolicionistas, Karl Marx foi detido pelo delegado Alcebíades de Souza a mando do Juiz Antônio Ramos e conduzido à Casa de Detenção na rua Mata-Porcos, ao pé do morro barro vermelho. Depois de autuado por perturbação da ordem pública e incitação à desídia. Horas depois o Dr. Alvarenga, notário e amigo do Visconde de Mauá apresenta-se ao Juiz Ramos como defensor do estrangeiro. Em seguida dirige-se à fazenda onde estavam todos reunidos. Já informados da situação e procuram uma solução.



Na fazenda.

- O Sr. Visconde pôs à disposição do Dr. Marx nossos melhores advogados e estamos prestando toda ajuda material que podemos. – disse Alvarenga.

- O Ministro da Justiça Sousa Dantas já está a par dos eventos e o Imperador já foi informado por ele da ocorrência – informou Airosa.

- O que acontecerá agora do ponto de vista jurídico? Perguntou Freud.

Alvarenga respondeu:

- Haverá um inquérito policial que concluído será encaminhado ao juiz que julgará o caso podendo arquivá-lo ou penalizar o Dr. Marx. Isso pode levar até meses ou ser concluído rapidamente. Há ainda a possibilidade de expulsar o Dr. Marx do país o que embora drástico seria muito mais rápido, mas para isso acontecer o Presidente do Conselho de ministros, o Conselheiro Saraiva deve fazê-lo, por sugestão do Juiz Ramos ou por própria decisão avocando o processo a si. O Imperador pode, suplantando estas instâncias, decidir pela imediata expulsão.

- Se o Dr. Marx for expulso do país creio que devemos acompanhá-lo em solidariedade. – Asseverou Darwin, no que todos concordaram.

- E se ele for condenado? Perguntou Zlg.

Não houve imediatamente uma resposta e ficou pairando no ar uma perceptível consternação.

- Devemos então apelar para o Imperador – Darwin propôs, quebrando o silêncio. – Eu desde já me prontifico a procurá-lo, pessoalmente, se necessário.

Alvarenga então fez uma consideração importante:

- O caso ainda não teve repercussão na imprensa porque houve por parte do governo uma orientação para que o assunto fosse tratado discretamente devido às possíveis consequências políticas. A imprensa independente concordou em não divulgar a situação porque considerou que ainda há maneira de resolver o problema sem alarde político e assim beneficiar o Dr. Marx, pois certamente se divulgado os detratores do Dr. Marx fariam disto uma causa política. Mas, esta trégua não durará mais de 24 horas. Temos de nos apressar. Concordo com o Dr. Darwin que devemos fazer um apelo ao Imperador. O Dr. Irineu, o Visconde inclusive está pronto a participar deste pleito.

- Então façamos logo isso! – Interveio Airosa.

Alvarenga esclareceu:

- Eu e o Dr. Irineu, o Visconde, achamos que pedir uma audiência ao Imperador pode demorar muito e melhor seria antecipar-se enviando uma carta assinada por várias pessoas importantes, além de nós mesmos, encabeçada pelo próprio Visconde e o Dr. Darwin, solicitando que D. Pedro intervenha diretamente no caso. Achamos que deve haver um discreto alerta à possibilidade do caso se transformar numa polêmica política até mesmo com desdobramento internacional.

- Pelo que estou vendo o Dr. Alvarenga tem até mesmo o texto já pronto – Disse Zig e todos sorriram.

- Bem, - respondeu um tanto sem graça – de fato, adiantei-me pensando na possibilidade de irmos a dotar esta via. Tenho aqui um rascunho que poderei lê-lo para apreciação e crítica de vocês.

Logo leu em voz alta a breve carta com o pleito ao Imperador em favor de Marx. Darwin então falou:

- Em princípio está muito boa, mas devemos agora terminá-la aprová-la e imediatamente remetê-la. Vamos então fazê-lo imediatamente.

Houve uma rearrumação da mesa de jantar onde logo apareceram papel, lápis, penas de escrever, tinta, borracha, mata borrão e envelopes. Alvarenga que tinha excelente caligrafia pôs-se a anotar as sugestões em um rascunho. Ao final de um par de horas onde as sugestões eram entremeadas com os comentários a carta ficou pronta e redigida numa elegante letra e de forma clara e sucinta expunha:

“A Sua Alteza Imperial do Brasil D. Pedro II,

Nós, abaixo assinados, vimos respeitosamente trazer ao vosso conhecimento o fato lamentável da detenção do Dr. Karl Marx no dia 9 de dezembro de 1880, quinta-feira, acusado injusta e caluniosamente de perturbação da ordem pública e incitação à desídia, por denúncia de alguns de seus detratores e de ordem do Meritíssimo Juiz Antônio Ramos.

No momento o famoso filósofo alemão encontra-se preso na Casa de Detenção à rua Mata Porcos no Rio de Janeiro.

O Dr. Karl Marx está no Brasil a convite de S.E. Sr Irineu Evangelista de Sousa, Visconde de Mauá, para proferir conferências e palestras sobre a economia assunto em que se destacou com seus ensaios e escritos e que constituem hoje um dos principais temas de discussão entre os intelectuais de diversos países. Sua atuação vem sendo pautada pelo estrito senso profissional e acadêmico, no entanto, muitas pessoas têm sido incitadas a agirem de forma agressiva com o celebrado lente por força de ideias divergentes das dele.

Culminou com esta ação inusitada que reflete o obscurantismo dessas mentes e assim promovem a intolerância diante da ciência e do saber.

Pedimos que S.A.I. D. Pedro II, use dos poderes que tem constitucionalmente para reaparar esta injustiça que sob todos os aspectos e que ademais prejudica a imagem do país.

Certos de sua compreensão subscrevemo-nos:

***Irineu Evangelista de Sousa, Visconde de Mauá,
Charles Darwin.
Sigmund Freud
E outros.”***

Na manhã do dia seguinte, Airosa e Alvarenga, subiram a serra de Petrópolis para entregar a carta no Palácio. O Imperador já tinha conhecimento da situação através do seu Ministro da Justiça o Dr. Sousa Dantas.

Neste mesmo dia retornam ao Rio de Janeiro.

No dia seguinte 12 de dezembro, domingo, dirigem-se à Casa de Detenção para visitar Marx e inteirá-lo da situação. Somente Alvarenga e Airosa puderam entrar para falar com ele.

Ao saírem relatam aos outros amigos que Marx estava bem, com o espírito elevado e até de bom humor.

Na segunda-feira, dia 13 de dezembro à tarde Karl Marx foi liberado.

Todos, inclusive o Visconde de Mauá, se dirigiram à fazenda em Barra do Pirai para lá então comemorarem.

Alvarenga, no entanto alertou-os que a liberação fora condicionada a que Marx deixasse o país o mais breve possível embora não houvesse expulsão formal.

- Como havíamos decidido em conjunto caso este fosse o caso, mesmo não tendo havido expulsão formal, que nossos amigos também deixariam o país, pergunto se tal decisão está mantida.

Houve uma algazarra com opiniões as mais variadas, de júbilo pela soltura e protestos pela decisão, mas prevaleceu a posição anteriormente tomada. Alvarenga continuou:

- Não houve a determinação de uma data para a saída do Dr. Marx, mas é prudente que comuniquemos ao Juiz uma data provável. Por outro lado está ainda pendente a assinatura do inventário e dos acordos entre os herdeiros e os seus registros em cartório, o que deve ocorrer na próxima semana. Portanto, tomei a liberdade de assegurar passagens para 28 de dezembro uma terça-feira, portanto daqui a quinze dias, no navio Hermes com destino a Liverpool, logo, vocês terão de passar o natal aqui.

Não houve discordância e imediatamente começaram a planejar a festa de Natal. Os novos donos da fazenda, que seriam em breve ex-escravos, se apuraram nos festejos que praticamente duraram os quinze dias que antecederam a viagem.

No dia do embarque uma enorme bagagem foi levada que incluía amostras de espécimes colhidas por Darwin e seu filho Francis, frutas, farinhas, temperos, sacas de café, roupas, peças de artesanato e várias dúzias de garrafas de cachaça,

Todos da fazenda inclusive os 40 ex-escravos foram ao embarque. Foram feitas algumas fotos do grupo e finalmente o navio zarpuou.

No dia 17 de Janeiro de 1881, o Hermes chegou a Liverpool depois de uma tranquila viagem.



leitor, antes de tudo, deve saber como foram revelados os fatos relatados.

Semanas depois de retornar a Londres, ciceroneando os convidados, Airosa é informado de sua demissão. É imediatamente contratado pelo Visconde de Mauá como seu representante em Londres. Três anos depois com a morte, primeiro de Darwin e depois de Marx, a cujos funerais compareceu, Airosa decide retornar ao Rio de Janeiro por uma solicitação de Zig, que encontrava dificuldades em administrar a fazenda. Airosa encontra-se com Freud em Paris e retorna para trabalhar com Zig em Barra do Piraí.

Logo depois, Airosa casa-se com uma das irmãs de Zig, Amélia. Muda-se para a fazenda e se encarrega da educação dos novos proprietários. Airosa nasceu em 1848 no Rio de Janeiro e era filho de uma escrava alforriada com um próspero comerciante de pais portugueses. Teve educação elevada, era escrivão de um cartório e contador. Pelos seus conhecimentos de línguas (inglês, francês espanhol e alemão, além de latim e grego) foi contratado para trabalhar no ministério das relações exteriores pelo Barão de Sinimbu.

Morreu aos setenta e dois anos em Barra do Piraí em 1920. Seu cunhado Zig morrera em 1915. Airosa cuidou da fazenda toda sua vida deixando grande prole e uma próspera situação para os cooperados. A Fazenda dos Macacos permaneceu como cooperativa, decorrente do acordo firmado em 1880, até 1985 quando os herdeiros concordaram em dissolver a cooperativa e vendê-la visto que não era mais produtiva.

Importou para isso a morte de Anna Freud que ainda mantinha contatos esporádicos com seus distantes primos

Os documentos, inclusive o acordo firmado em 1880 e tendo como testemunhas Darwin e Marx foram preservados, bem como os diários desta viagem que foram entregues a Airosa pelos próprios autores na época em que Airosa morou em Londres. A farta correspondência entre Freud e Airosa deve-se ao fato de Freud fazer parte da cooperativa e, portanto, auferir parte dos ganhos, os quais eram revertidos para a cooperativa. Seus herdeiros, em particular Anna Freud, após a morte do pai cuidou desses negócios através de seus representantes legais no Brasil.

Admite-se que estes episódios não constam das biografias desses personagens por dois motivos, segundo a própria família Ritzenberg – Airosa. Primeiro porque as anotações pessoais foram todas entregues a Jorge Airosa. Segundo que pode ter havido um acordo de discrição entre Darwin e Marx pela amizade que fizeram principalmente com Freud e Airosa. Quanto a Freud sabe-se que ele destruiu muitos documentos pessoais relativos à sua vida. A família Ritzenberg - Airosa só recentemente permitiu o acesso às cartas e documentos relativos a esta época e a estes episódios, no entanto não os liberou para publicação ou cópia. Dizem que se tais fatos vierem a público irão gerar tanta controvérsia que não vale a perturbação.

Talvez com a divulgação da história a família decida de outra forma.

Quanto aos fatos que deveriam aparecer na imprensa houve uma feroz censura da polícia e nada foi publicado. A chancelaria da Inglaterra também desencorajou a divulgação dos acontecimentos.

FIM